MARIA CRISTINA AIEX DA FONSECA

**A REPRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA PELO
DEPENDENTE DE DROGAS**

Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, Departamento de Prática de Saúde Pública, para a obtenção do título de Mestre em Saúde Pública.

Orientador:
Prof. Associado Fernando Lefèvre

São Paulo

1997

Ao meu pai, Dr. José Salomão Alves, com saudades.

Ao Marcos, Fernanda e Junior.

À minha mãe.

A família pode ser imaginada como uma teia, uma flor, um túmulo, uma prisão, um castelo. Pode-se estar mais consciente de uma imagem da família do que da própria família, e projetar essa imagem na família.

(R. D. Laing, A Política da Família)

A consequência, para cada um de nós, da vulnerabilidade humana às múltiplas formas de dependência é, por um lado, um receio de sucumbirmos num impasse afetivo idêntico ao que denunciemos no toxicômano e, por outro lado, um embaraço, um desgosto sentido à visão dessas pessoas que representam uma caricatura daquilo que nós mesmos poderíamos ser.

(J. Bergeret e J. Leblanc, Toxicomanias)

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Fernando Lefèvre, orientador desta pesquisa, a expressão máxima de reconhecimento e gratidão pela segurança de suas sugestões, pelo apoio de sua capacidade científica e profissional, e pela maneira terna e acolhedora que muito ajudou na realização desse trabalho.

Ao Centro para Tratamento de Dependência Química Vila Serena, representada pela Sra. Iornise Correa, coordenadora de equipe de conselheiros, pela colaboração na marcação das entrevistas com os internos.

Ao meu irmão, Dr. Luiz Carlos Alex Alves, a quem sou profundamente reconhecida pelo carinho e apoio que sempre proporcionou para a minha formação pessoal e profissional.

À Sra. Dina Tomchinsky e à Sra. Maria Aparecida Sarno pela ajuda na datilografia e pela revisão do português, respectivamente.

Aos funcionários da Biblioteca da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo que me ajudaram na ordenação das referências bibliográficas.

Aos adolescentes que gentilmente se dispuseram a participar dessa pesquisa, o meu reconhecimento, pois sem eles seria impossível a realização desse trabalho.

ÍNDICE

Dedicatória	i
Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract	vi
1. PROPOSIÇÃO GERAL DO PROBLEMA	01
2. REFERENCIAL TEÓRICO	07
2.1 Representação social	07
2.2 Família	10
2.2.1 Breve evolução histórica	10
2.2.2 Aspectos teóricos	13
2.2.3 Da família como dinâmica interpessoal contextualizada socialmente	17
2.3 Uso de drogas	20
2.3.1 Breve revisão da literatura sobre fatores explicativos	20
2.3.2 Conceitos relativos à toxicomania	25
3. OBJETIVOS	29
4. METODOLOGIA	31
5. ANÁLISE DOS DEPOIMENTOS	33
6. CONCLUSÕES	47
7. ALGUNS DESDOBRAMENTOS	51
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55
9. ANEXO1. Roteiro das entrevistas	59
10. ANEXO 2. Entrevistas	61

RESUMO

Trata-se de um estudo qualitativo sobre a representação da família, em um grupo de adolescentes dependentes de drogas e residentes na cidade de São Paulo. O objetivo do trabalho é fornecer subsídios a uma proposta de programa para o atendimento à família, na área de educação em saúde pública. Foram entrevistados 12 adolescentes do sexo masculino, com idade de 14 a 21 anos, internados em clínica de tratamento para dependentes de droga. Os dados obtidos são mostrados num esquema de representação da família, que emprega o conceito "união-fratura" do grupo familiar como eixo semântico para uma compreensão do problema. É sugerido um programa de educação para prevenção das toxicomanias, com enfoque no ambiente familiar, nas dificuldades relacionais e no apoio aos pais em suas adaptações aos papéis e funções familiares.

ABSTRACT

It is about a qualitative study of family representation, in a teenager drug addicted group, residents in São Paulo city. The purpose of the study is to provide subsidies to a proposal of a program which attends families, in public education health. Twelve male teenagers, aged between 14 to 21 and living in a clinic for drug addicts, have been interviewed. The data obtained are shown on a scheme of representation of the family, which uses the concept of "union-fracture" of the family group as a semantic axle, for the comprehension of the problem. An educational program to prevent toxicomania with focus on the family environment, on difficult relationships and on the aid to parents on their adjustment to familiar roles and functions, is suggested.

1. PROPOSIÇÃO GERAL DO PROBLEMA

A toxicomania é um fenômeno complexo, de natureza biopsico-social, que, nas últimas décadas, ampliou-se de forma considerável em quase todas as culturas e sociedades.

A amplidão do fenômeno causa surpresa nas famílias e no meio social que, desnorteados, reagem, ora com medo, ora com agressividade, à procura de um culpado que possa aliviar o mal estar por ele causado.

É muito difícil avaliar o número real de toxicômanos existentes no mundo. As estatísticas a esse respeito continuam muito fragmentadas. Todavia, a opinião expressa pelos especialistas (Carlini e col., 1995, 1993; Cotrim, 1991; Nappo e col., 1994) nos leva a crer que, depois do grande crescimento do fenômeno, registrado há cerca de 15 anos, ocorre, pelo menos, um período de estabilidade quanto ao uso das drogas mais pesadas, enquanto que novas classes sociais (e pessoas cada vez mais jovens) são atingidas, principalmente por produtos amplamente distribuídos no comércio.

No Brasil, até o início do século XX, segundo dados do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID) e do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Atenção ao Uso de Drogas (NEPAD), quase não havia denúncias sobre o abuso e a dependência de drogas ilícitas. Entretanto, nas três primeiras décadas deste século, transparece a grande preocupação com o uso não médico de cocaína, nas grandes cidades do país (principalmente São Paulo e Rio de Janeiro), sendo o fato divulgado nos principais jornais da época. O uso de cocaína, como também de morfina e éter, era considerado um vício elegante, praticado

por "jovens brancos de classe média, em boas condições" e por aqueles envolvidos com a "indústria noturna de prazeres" (Carlini e col., 1995). Nas décadas seguintes, com as migrações de nordestinos para o Rio de Janeiro, fugindo das secas e em busca de melhores condições de vida, a maconha passou a merecer as atenções da imprensa. Fumar maconha era considerado um "comportamento sociopático", no qual se engajavam mulatos e pretos (Carlini e col., 1995). O uso de cocaína, principalmente sob a forma de pó inalado, era urbano e o da maconha rural.

Nos últimos anos, pesquisas feitas pelo CEBRID constataram que, embora o álcool e o tabaco sejam as drogas mais consumidas por estudantes, as demais drogas vêm apresentando, na década de 90, um aumento no consumo que ocorre em todas as camadas sociais e em todas as faixas etárias. Mas, o uso de drogas continua sendo maior entre os homens do que entre as mulheres, sendo que, nessas pesquisas, os adolescentes do sexo masculino usam mais os solventes, o álcool, o tabaco e até a maconha, enquanto as meninas tendem a preferir os ansiolíticos e os anorexígenos. Na classe econômica desfavorecida da cidade de São Paulo, o crack, forma de uso da cocaína fumada, parece estar particularmente difundido. O uso do crack parece mais restrito a essa cidade e é uma das formas mais arrasadoras do uso da cocaína, atingindo jovens com menos de 20 anos, pertencentes a diferentes classes sociais (Carlini e col., 1995).

Ultimamente, tem havido constante noticiário, nos rádios, jornais e TV, quase sem exceção de conteúdo dramático, sobre os malefícios advindos do uso da cocaína. Pesquisas feitas pelo CEBRID, desde 1987, apontam para um aumento gradual e constante do consumo da cocaína (principalmente em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre), em relação a outras drogas, exceto álcool, por indicadores, tais como: o número de internações hospitalares por dependência; o consumo entre estudantes de 1º e 2º graus de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Ale-

gre; principalmente entre meninos de rua, a presença de cocaína em material cadavérico, no Instituto Médico Legal de São Paulo, etc. (Carlini e col., 1995, 1993).

No Brasil, não existem estudos populacionais, abrangendo o país na sua totalidade. Assim, não é possível fornecer dados sobre o consumo de cocaína no total da população. O uso de cocaína por via endovenosa tomou-se comum nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Em São Paulo, entretanto, esse uso tende a cair com a entrada do crack, que apareceu nos anos de 1991/92 e aumentou rapidamente (Nappo e col., 1994). A maior porcentagem dos estudantes experimentadores de cocaína tem mais de 16 anos. As internações por dependência de cocaína passaram a subir, paulatinamente, a partir de 1989, representando 31,9% de todas as internações por drogas (exceto álcool), no ano de 1993, predominando o sexo masculino (90% dos casos) e a faixa etária entre 18 e 30 anos (Carlini e col., 1995).

As drogas mais usadas por estudantes e crianças de rua, não levando em consideração o álcool e o tabaco, são os inalantes ou solventes: cola de sapateiro, removedores, tiner, misturas de éter de petróleo com acetona ou clorofórmio (conhecida como loló ou cheirinho da loló). Os benzodiazepínicos, as drogas anoréticas, tipo anfetamina, e a maconha vêm a seguir, na ordem de uso pelos estudantes de 1^o e 2^o graus (Cotrim, 1991). A farmacodependência pode atingir qualquer tipo de personalidade e pessoas jovens, de preferência.

A abordagem da toxicomania apenas como uma questão de patologia individual é equivocada, tendo em vista que, para se atingir a magnitude do fenômeno, é preciso caracterizá-lo e compreendê-lo numa rede complexa de relações que incluem a droga, o indivíduo e o contexto sócio-cultural.

Acreditamos que um dos caminhos para compreender a toxicofilia seria através do estudo das peculiaridades do intercâmbio emocional

das relações familiares, ou melhor, do exame da família "interiorizada", tal qual é representada no discurso dos adolescentes usuários de drogas.

Supomos, em princípio, que perturbações no interior do grupo familiar e o comportamento de toxicofilia sejam fenômenos que se relacionem intimamente. Salientamos, entretanto, em conformidade com a teoria da representação social, que essa relação só pode ser plenamente entendida através dos sujeitos que atuam no seio da família (Spink, 1993).

Como o adolescente dependente de drogas vivencia sua experiência cotidiana? Qual sua representação social sobre família?

Essas indagações surgiram durante a prática profissional como assistente social da área da saúde, tentando ajudar pessoas desorientadas a viver melhor. Foram elas que nos levaram a desenvolver esta pesquisa, na tentativa de melhor entender o papel da família no processo psicológico dinâmico do comportamento de consumir drogas.

Numa visão psicossocial, compatível com a teoria da Representação Social, neste trabalho nos interessa abordar o problema do uso de drogas de um ponto de vista mais próximo do indivíduo, ou seja, através da família – entendida como a instância mediadora entre o indivíduo e a sociedade mais ampla – na tentativa de encontrar elementos que nos forneçam uma compreensão mais aguda do problema e, conseqüentemente, uma forma mais adequada de conduzi-lo e enfrentá-lo, enquanto questão de Saúde Pública.

A saúde e a doença implicam uma complexa interrelação entre os aspectos físicos, psicológicos, sociais e ambientais da condição humana que, no entanto, só ganham sentido na medida em que estão envolvidos num processo psicológico e social de atribuição de significados, vividos culturalmente.

Nesse sentido, acreditamos que a saúde, a doença e a droga têm a ver com a percepção das relações humanas estabelecidas na família dentro de nossa cultura.

Na análise da representação da família pelo usuário de drogas, procuraremos trabalhar a partir desta perspectiva.

•

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 REPRESENTAÇÃO SOCIAL

Observando, analisando suas próprias observações, experienciando as situações, conhecendo as experiências de outrem, recebendo, buscando ou oferecendo estímulos, o ser humano enfrenta, quotidianamente, o mundo que o cerca, através da sua Representação.

A representação social é vista, conforme Spink (1993), como "modalidade de conhecimento prático orientado para a comunicação e para a compreensão do conteúdo social, material e ideativo em que vivemos". Nesta perspectiva, a representação não pode ser entendida como um puro reflexo das determinações objetivas, mas sim como um sistema de interpretações.

Segundo Herzlich (1991), "é uma elaboração psicológica complexa onde se integram em uma imagem significativa a experiência de cada um, os valores e as informações circulantes na sociedade".

Em seus estudos sobre as imagens com relação à cultura, Kaes (1968) nos coloca, por exemplo, que "as representações do operariado francês sobre a cultura derivam tanto da situação global da classe francesa quanto das experiências escolares, profissionais, sindicalistas dos operários". Kaes compreende que as representações não são tanto definidas pelo sistema cultural dominante quanto pela reação operária a este mesmo sistema. Neste sentido, podemos observar que a organização cognitiva que permeia essa rede de relações não pode ser entendida isolada dos valores e da prática circulante no grupo social onde a representação social encontra suas raízes. No entanto, essa rede está longe de apresentar-se com aspecto uniforme ou como um todo coerente. Assim, um mesmo sujeito pode negar, refutar, com mais ou menos argumentos, uma opinião à qual parecia aderir até há pouco tempo em

seu discurso; ou ainda, negar certas realidades sociais na medida em que estas o obrigam a revisar todo seu sistema de valores, posições assumidas, atitudes tomadas e portanto de representações a respeito de si, do outro e do mundo. (Malrieu, 1977)

Na teoria da representação social, temos a ligação constante entre dois pólos: o individual com tudo o que lhe confere singularidade e o social, ou seja, tudo o que faz parte do universo do sujeito, isto é, valores, cultura, status econômico e social, etc.

Moscovici (1978) afirma que "para qualificar uma representação social, não basta definir o agente que a produz (...). Para se apreender o sentido do qualificativo social, é preferível enfatizar a função a que ela corresponde do que as circunstâncias e a entidade que reflete."

A representação social integra o indivíduo à realidade social em que vive. Ela nos mostra como essa realidade é verbalizada, interpretada e vivida pelo indivíduo. Assim, a realidade vai aparecer filtrada pela representação social, enquanto significada pelo sujeito.

A representação social é a construção mental da realidade que possibilita a compreensão e organização do mundo, bem como orienta o comportamento. Os elementos da realidade, os conceitos, as teorias e as práticas são submetidos a uma reconstituição a partir das informações colhidas e da bagagem histórica (social e pessoal) do sujeito, permitindo, dessa forma, que se tornem compreensíveis e úteis. Nesse processo, as representações sociais tornam um objeto significativo, introduzindo-o num espaço comum, digerindo-o de forma a permitir sua compreensão e sua incorporação como recurso peculiar ao sujeito.

O objeto, quer seja humano, social, material ou uma idéia, será apreendido através da comunicação, a partir de uma lente impregnada de valores e conceitos significantes já existentes. Ou seja, ele é triado e integrado numa rede que traduz algo significativo para o sujeito. A aproximação da realidade externa, de modo a torná-la próxima e perceptível,

é uma facilidade proporcionada pelas representações, trazendo o mundo externo para um convívio próximo.

Numa análise comparativa entre representação e percepção, a representação tem sido considerada, por algumas linhas da psicologia clássica, como um processo de mediação entre percepção e conceito. Moscovici não a considera como instância intermediária, mas sim como um processo que toma o conceito e a percepção de certo modo intercambiáveis, uma vez que se engendram reciprocamente. A percepção é uma instância de ordem puramente sensorial. Necessita da presença do objeto para ocorrer. Por outro lado, do ponto de vista do conceito (da representação), a presença do objeto, inclusive sua própria existência não é necessária, por tratar-se de uma instância puramente intelectual.

As representações sociais são uma forma de conhecimento do senso comum, elaborado e compartilhado socialmente. Na construção das representações sociais estão presentes o conteúdo (informações, imagens, opiniões, atitudes), o objeto (um trabalho, um acontecimento, uma pessoa) e o sujeito (o indivíduo, a família e o grupo social).

Em nosso estudo, a representação social de família pelo dependente de drogas será abordada e analisada a partir dos conteúdos discursivos expressos nas entrevistas.

2.2 FAMÍLIA

2.2.1 Breve Evolução Histórica

Quando nos voltamos para a história da família observamos que o modelo nuclear, que hoje nos parece tão natural, só se consolidou por volta do século XVIII, com a privatização da instituição familiar e a passagem das funções socializadoras para o âmbito mais restrito do lar.

O "sentimento de família" (Ariès, 1981), tão conhecido no século XX, resultou de uma transformação da família que passou de realidade moral e social "à realidade afetiva, ocorrida em fins do século XVIII e início do XIX; produto de uma revolução qualitativa no terreno das representações mentais, ocorrido concomitantemente a outras importantes revoluções sociais, econômicas e políticas da época.

Foi a partir do século XVI, com o aparecimento do sentimento de infância e com o advento da burguesia, que se delineou uma organização de família nuclear, centrada na privacidade e na educação das crianças. Essa família serviu de base para que "os tradicionalistas do século XIX inventassem a conhecida família patriarcal" (Cameiro, 1986).

Na concepção de Engels (1977), a origem, a manutenção e a sobrevivência da família burguesa estão ligadas à propriedade privada: é a família que garante seu direito, sua posse e sua transmissibilidade às novas gerações.

Se quisermos, pois, avançar no sentido de entendermos o surgimento da família moderna, o ponto de partida é a própria família burguesa.

Segundo estudos de Ariès (1981) e Poster (1981), a família moderna teria trazido consigo novas atitudes em relação às crianças, novas formas de intimidade entre pais e filhos e a supervalorização do amor materno. A família muda de sentido, deixa de ser uma unidade econô-

mica, torna-se um lugar de refúgio, de afetividade, de relações de sentimento entre o casal e os filhos.

A família burguesa clássica era aquela fundada num sólido vínculo entre o casal, onde os papéis eram claramente definidos: o marido sustentava a casa e a esposa cuidava do lar.

A casa também passou a ser o espaço privado para as relações familiares, onde as crianças passavam a maior parte do seu tempo. Tal espaço tornou-se progressivamente feminino e infantil, uma vez que o trabalho, atividade predominantemente masculina, ocorre fora do espaço doméstico.

Este modelo, inicialmente restrito à burguesia, passa a ser um ideal para a classe operária após o primeiro período da industrialização e se dissemina como representação social da família e modelo idealizado da mesma. Como saldo, a mulher dessa família, inicialmente convivendo com grupos, relacionando-se com a vizinhança, dividindo com os vizinhos o cuidado com as crianças, também passou a se isolar, valorizando a domesticidade.

Tal forma de viver acaba enfatizando o esquema "nós" (família nuclear) e os "outros" (toda a sociedade); a própria sociedade de consumo que apresenta o mundo como acessível, comprável, favorece essa visão: tudo pode estar contido dentro de um lar, todas as necessidades podem ser supridas, e a casa é o refúgio.

Essa forma de organização familiar, parece, mostrou-se eficaz, sustentando-se até os dias de hoje.

As grandes mudanças ocorridas nas últimas décadas influenciaram diretamente a chamada família tradicional, no sentido da modernização (Figueira, 1987). Entre elas, são fundamentais as questões de gênero, envolvendo modificações na posição da mulher na sociedade e na família, as relações de casamento, com a legalização do divórcio, relações homossexuais, o comportamento reprodutivo que permite não

só o controle da natalidade mas possibilita ao casal ter filhos se e quando quiser, a divisão do trabalho com a ocupação do espaço profissional pelas mulheres.

Cresce o número de famílias monoparentais, principalmente as chefiadas por mulheres, e de uniões consensuais, embora a família brasileira ainda seja constituída, basicamente, pelo casal e seus filhos. (Bruschini, 1994; Goldani, 1994). Não podemos esquecer, como assinala Bruschini, que a rede de parentesco é fundamental para as estratégias familiares, tanto em termos de ajuda-econômica, quanto no que diz respeito aos arranjos cotidianos e podem extrapolar os limites de uma moradia.

Embora aparentemente, o modelo tradicional de família foi desaparecendo, as pesquisas mostram a dificuldade de o comportamento acompanhar a mudança das idéias e a convivência do novo com o arcaico (Figueira, 1986; Salem, 1980).

Sem dúvida, através de todo o processo de industrialização ocorrido no Brasil, a partir da década de 30, a família passou por grandes mudanças, que ocorreram e estão ocorrendo, gradativamente, até os dias de hoje.

Aos poucos, tendo em vista as próprias mudanças ocorridas no plano social e político, foi ganhando corpo, no interior da família, a ideologia da igualdade entre as pessoas, ou seja a possibilidade de todos terem os mesmos direitos.

Assim, aparentemente, o modelo hierárquico de família foi desaparecendo e as pessoas começaram a se perceber como iguais: indivíduos com desejos, vontades e direitos próprios.

Essa ideologia da família moderna, em nível manifesto, foi sendo reforçada culturalmente, através dos meios de comunicação.

As transformações no tradicional arranjo familiar, casal com filhos, assinalam aspectos significativos de mudanças e também de continui-

dade no relacionamento entre seus membros. Esposas e filhos participam mais intensamente nas atividades de mercado de trabalho e na renda monetária familiar, compartilhando com o chefe as responsabilidades de manutenção da família, e promovendo uma redefinição nos padrões de hierarquia e sociabilidade (Goldani, 1994).

Vários autores descrevem a crise das funções masculinas e femininas nas sociedades contemporâneas dadas as incompatibilidades entre vida familiar tradicional (marido provedor, mulher dona de casa em tempo integral) e a crescente profissionalização feminina. As transformações nas relações familiares resultam numa perda de referências e numa deteriorização na questão do estabelecimento de normas e critérios de autoridade (Ackerman, 1986; Macedo, 1994; Moraes, 1991).

Todas essas questões servem para apontar a diversidade existente nos núcleos familiares, nos quais se desenvolvem nossos adolescentes, fator este que não pode ser desconsiderado.

2.2.2. Aspectos Teóricos

Na tentativa de relacionar os estados patológicos individuais aos problemas familiares, Laing (1983) trouxe significativos esclarecimentos a respeito das relações emocionais da família.

Rejeita, este autor, a idéia de família interiorizada como um elemento isolado. Ele confere um caráter transpessoal à sua análise da "família", na medida em que a define nos termos seguintes:

Não é um objeto interiorizado, mas sim um conjunto de relações que foi interiorizado. Os pais são interiorizados como íntimos ou distantes, juntos ou separados, próximos ou longínquos, hostis, etc., em relação um ao outro ou ao observador. A mãe e o pai podem ser objeto de fusão numa espécie de matriz paternal, ou separados em elementos que transcendem a normal divisão baseada na realidade como indivíduos.

Segundo Laing, as relações no espaço emocional da família são compartilhadas por todos seus membros. Isto significa que a família não é um simples objeto social compartilhado, mas uma experiência singular repartida, unicamente, pelos elementos que a compõem e com ninguém mais, o que lhe dá um sentido de unicidade, de totalidade.

O argumento que Laing se utiliza na defesa dessa idéia é o controle mútuo exercido entre os membros da família nuclear:

É manifesto que há pessoas que procuram agir sobre o mundo interno dos outros para preservarem os seus próprios mundos interiores, e que outras (por exemplo os chamados obcecados) ordenam incessantemente o mundo dos objetos para preservarem os seus mundos interiores... o ego procura regular a vida interior dos outros, a fim de preservar a sua própria.

Uma das formas para o exercício deste controle, que ocorre entre os membros de uma família, é o estratagema do "atributo", ou seja, induzir o outro a ser o que se quer que ele seja. Esta "atribuição" não acontece, necessariamente, em nível verbal.

Uma relação entre duas pessoas pode ser tão forte que uma seja levada a ser o que a outra pretende através de um simples olhar, toque ou mesmo por um discreto tossir, sem ser preciso dizer nada.

Esse controle mútuo cria tal dependência entre os membros que a sua manutenção tem um caráter de integridade do ego. Ou seja, Laing vê uma relação entre a integridade da "família" e a integridade do ego.

O grupo familiar internalizado pode condicionar, a tal ponto, as relações do indivíduo consigo mesmo, que cria um grau de dependência tão alto que, ao se verem longe destas operações de grupo, sendo obrigadas a estruturar seu espaço e tempo sem elas, determinadas pessoas sentir-se-iam incapazes de manter sua integridade pessoal.

É a partir desse controle mútuo, dessa dependência recíproca, que Laing elabora o conceito de "nexificação", ponto básico de sua interpretação de "família".

A co-inerência composta a partir das projeções recíprocas da "família", de cada um na família comum, determina aquilo que classifiquei como nexificação da família.

E como em um encadeamento é necessário que cada elemento da família preserve o nexo, a entidade familiar que tem dentro de si, para a sobrevivência da família.

Enfocando a família de outra perspectiva, a psicanálise nos elucida sobre o papel da família e, em especial, da figura materna para a formação do ego. Freud (1975) afirma que o recém-nascido e lactente, por não possuírem ainda um ego formado, dependem quase totalmente dos adultos que o cercam, sentindo por isso qualquer ausência mais prolongada da pessoa que o cuida como um perigo de perda, de desamparo.

Anna Freud (citada em Ackerman, 1968), por seu turno, constata que, em determinada fase de seu desenvolvimento, a criança precisa de controle, isto é, de limites claros por parte dos pais, para poder localizar-se e sentir segurança junto à família:

Para sentir-se protegida, a criança requer o controle paterno. Sem tal controle, a criança sente-se abandonada e insegura, é óbvio, portanto, que, para o desenvolvimento ótimo da criança, há necessidade de um mínimo de satisfação de necessidades básicas, algumas frustrações inevitáveis e um tipo apropriado de controle social exercido através da autoridade do progenitor.

Nesta medida, vemos que a função materna vai além de oferecer à criança bem-estar físico e satisfação de suas necessidades. Ao atuar como mediadora entre o filho e a realidade, ela ocupa o papel que futuramente o ego deverá desempenhar, na medida em que funciona como

aquela que seleciona estímulos e experiências, protegendo o filho dos "perigos do mundo".

O manejo materno dos desejos do filho e o equilíbrio que estabelece entre satisfação, frustração e postergação da satisfação é o que servirá, posteriormente, à criança como modelo estrutural.

Toda essa passagem é feita ao longo do cotidiano, dos cuidados gerais da mãe em relação ao filho, como por exemplo, na introdução das rotinas e ritmos familiares que estimulam, na criança, o sentido temporal e facilitam as funções egóicas de memória e orientação. A criança recorre ao sentido de realidade da mãe, até ser capaz de distinguir entre fantasia e realidade e sobre como lidar com esta última, o que se dá de forma progressiva.

Na relação entre mãe e filho, na prática, observamos, muitas vezes, extremos. Estes vão desde a tentativa de mães que procuram, a todo custo, fazer os filhos "felizes" evitando, por todos os meios ao seu alcance, que sofram frustrações - não conseguindo, assim, compreender que os processos que levam à maturação, necessariamente, contêm em si fatores que causam desprazer e frustrações -, até aquelas que tentam, a todo momento, disciplinar e "colocar limites", mesmo que precocemente, aumentando as chances de estabelecer com os filhos uma relação de hostilidade.

Os pais são aqueles que, em primeiro lugar, significam o social para os filhos, pois são junto a eles seus representantes. Através de suas atitudes de cuidado, afeto, proteção, estabelecimento de regras e limites, eles participam da "transformação" do recém-nascido, de um ser biologicamente frágil e desamparado, em um ser humano.

Como assinala Bruschini (1994), uma importante função do grupo familiar é a socializadora, que se expressa na formação da personalidade dos indivíduos que nascem no grupo e nele são educados. A trajetória

ria de vida de cada um depende, em grande parte, de suas experiências na primeira socialização, promovida no interior da família.

2.2.3 Da Família Como Dinâmica Interpessoal Contextualizada Socialmente

Nenhum de nós vive só. Aqueles que tentam viver só estão destinados a desintegrar-se como seres humanos. É claro que alguns aspectos de experiência vital são mais individuais que sociais e vice-versa, mas não é por isto que a vida deixa de ser uma experiência compartilhada. E nos primeiros anos de vida essa experiência é compartilhada quase exclusivamente com os membros da família. A família é a unidade básica de desenvolvimento da experiência, de realização e fracasso. (Ackerman, 1986)

É na família que a criança adquire sua identidade e sua posição individual na complexa rede de interações sociais. É na família que são constituídos os papéis básicos da organização social. Estas são algumas das razões que justificam a importância, para o entendimento da família, da análise da dinâmica das relações que se estabelecem entre seus integrantes.

O que é família? Paradoxalmente, todos sabem o que é família, já que todos somos parte integrante de alguma família.

É uma entidade por assim dizer óbvia para todos. No entanto, para qualquer pessoa é difícil definir esta palavra e mais exatamente o conceito que a engloba, que vai além das definições. (Prado, 1985)

Sabemos que a família, tal qual se apresenta nos dias de hoje, é o resultado de todo um longo processo histórico, que engloba a economia, a política e a religião. Também sabemos, igualmente, que os vínculos familiares se fazem através da combinação de fatores psicológicos, sociais e econômicos e que a família é, em seu sentido mais global, o produto da evolução de uma época, de um povo. Nós a consideramos

como uma unidade social flexível, cujas mudanças estruturais estão determinadas, tanto por fatores relacionados com sua dinâmica interna, quanto por fatores externos ligados a sua inserção e posição na comunidade e sociedade mais ampla. A crise financeira de um país, por exemplo, não terá idêntica repercussão nas diferentes famílias. As múltiplas interferências devidas ao meio externo sempre serão relativas à inserção da unidade familiar, aos modos de produção a que necessariamente está vinculada a sua organização interna.

Desta forma, sem perder de vista que a família sempre existe circunscrita histórica e socialmente, focalizaremos mais em nosso estudo a família interiorizada, tal como representada pelo adolescente usuário de drogas.

Considerando tanto os aspectos subjetivos como os objetivos envolvidos na idéia de família, optamos por adotar, para os fins deste trabalho, a seguinte definição de família que, a nosso ver, é compatível com esta perspectiva:

Subsistema composto por pessoas e coisas, que, visando a criação de laços de filiação, num sentido mais amplo que a mera filiação biológica, tenha como funções precípuas, a incorporação à sua base material (moradia e demais recursos materiais) e imaterial (teia de laços afetivos) uma criança ou adolescente, de forma a que estes estejam efetivamente e sintam pessoalmente:

a) *pertencentes, de modo pleno na qualidade de membros, a essa estrutura, mesmo que não estejam a ela vinculados por laços de sangue;*

b) *protegidos e respeitados por esta estrutura no que toca a promoção, manutenção e desenvolvimento de sua integridade física, psicológica e cultural enquanto seres humanos em formação;*

c) *encaminhados ou conduzidos por esta estrutura de modo a permitir promover - respeitando condições maturacionais de natureza orgânica e psicológica - a sua gradual eman-*

cipação, com vistas à inserção na vida social e comunitária, enquanto seres humanos capazes de gerar outra unidade familiar e enquanto cidadãos capazes de contribuir para o funcionamento e para o desenvolvimento social e cultural.
(Siqueira, 1992)

2.3 USO DE DROGAS

Inicialmente marginal, concentrando em certas regiões do planeta, o fenômeno da droga disseminou-se no mundo inteiro, predominando nos países industrializados da América e da Europa. Ambas as guerras mundiais vieram sucedidas por uma onda de consumo de drogas pesadas pelos adultos, sem contudo constituir um problema social. Após os anos 60, a droga atinge uma população cada vez mais jovem, num movimento de crítica a todo o sistema ocidental de valores. Hoje, acrescenta-se, ainda, a inquietação em face de um futuro incerto, até mesmo ameaçador, que confere à droga a dimensão de um sintoma que remete ao próprio sentido de nossa existência humana (Calanca, 1991).

2.3.1 Breve Revisão Da Literatura Sobre Fatores Explicativos

Procuramos selecionar, nesta seção, alguns estudos que, a nosso ver, oferecem contribuições significativas para o trabalho a que nos dedicamos. Trataremos, aqui, das posições assumidas por diferentes autores, em relação aos fatores que podem explicar o uso de drogas.

Sobre esta temática podemos dizer, genericamente, que há abordagens variadas, com ênfase maior em problemas sociais externos, ou, ao contrário, como a psicanálise, com ênfase nos motivos mais profundos, ligados à estrutura da personalidade.

Segundo Jervis (1977), os fatores que aumentam o uso de drogas são amplos, envolvendo desde os psicológicos e políticos até os valores culturais.

Como questões psicológicas ligadas ao uso de drogas, poderíamos ressaltar problemas de vivência do corpo, de identidade, socialização e crise de afirmação adolescente associada a tendências autodestrutivas. Freud (citado por Kalina, 1976) contribuiu para a psicodinâmica das toxicomanias, considerando-as como sucedâneos da masturbação que, para ele, constituía o "hábito primário". Para Freud, se-

gundo Kalina, as diferentes formas de toxicomania relacionam-se com a satisfação de necessidades infantis primárias e suas origens devem ser procuradas na fase oral do desenvolvimento. Numa perspectiva freudiana, a toxicomania pode ser interpretada em termos de fixação oral, ou seja, os fatores desencadeadores devem ser localizados nessa área ou no momento do desenvolvimento da libido.

Fenichel (1964), autor clássico no que se refere à teoria das neuroses, sustenta que os etilistas e toxicômanos teriam um superego alterado ou careceriam do mesmo, vivendo felizes no seu narcisismo. Nestas personalidades impulsivas e infantis, existiriam traços peculiares às toxicomanias, mesmo na ausência do tóxico.

Crodorkoff (citado por Sonenreich, 1971) considera que o etilista possui um ego fraco, que não estabeleceu bem as relações objetais, escolhendo seu próprio corpo como objeto seguro, com o qual possa se relacionar. As alterações produzidas pelo álcool ou outra droga são experimentadas pelo sujeito com um "sentimento de segurança do ego" e, portanto, impedem a ruptura entre este e o corpo. Portanto, sob o efeito da droga, o indivíduo imagina substituir a sensação de fragilidade egóica por um sentimento de força.

A consideração do corpo nas toxicomanias parece-nos um aspecto dinâmico e importante da questão. O corpo representa o limite entre o interior e o exterior e é uma das fontes de identidade pessoal. Supomos que isso explica, ao menos parcialmente, a agressividade que o toxicômano descarrega sobre seu próprio corpo.

Quanto ao problema da identidade na adolescência, vale lembrar as considerações desenvolvidas por Erikson (1976). Apresenta o autor uma teoria dinâmica de personalidade, em que não só os instintos representam uma força diretriz da vida, mas também a ordenação e a integração das experiências são consideradas como significativas. Para o autor, a identidade envolve três dimensões: a biológica, a social e a in-

dividual. Logo, uma pessoa, para ser considerada sadia, dominando ativamente seu ambiente, teria que ser capaz de perceber, corretamente, o mundo e a si mesma. O ser humano psicologicamente sadio é aquele que conseguiu desenvolver firme "sentimento de identidade". Isso envolve o reconhecimento de que ele é uma pessoa única, dentro de uma determinada sociedade, com um passado, presente e futuro particulares.

A influência da família e o seu papel na dinâmica da toxicomania é evidenciada por alguns autores. Assim, para Day, a família não só contribui para a instalação do alcoolismo como para o insucesso do tratamento (*apud* Sonenreich, 1971).

Outros autores, através de depoimentos baseados em suas experiências com toxicômanos, os apresentam como porta-vozes da doença familiar. Kalina (1976), em seus estudos, não encontrou "adições" que não tivessem na família ou no meio social a sua origem.

Segundo Bergeret (1991), as recentes pesquisas epidemiológicas mostram que a maioria dos toxicômanos encontrados é constituída por "personalidades depressivas". A evolução dos modelos de relacionamentos no seio de nossa civilização e, particularmente, um certo afrouxamento dos laços afetivos no interior das relações familiares, conduzem ao desenvolvimento de um gênero de personalidade totalmente peculiar, chamada "personalidade depressiva", caracterizada por uma importante imaturidade afetiva, impedindo o indivíduo de se estruturar solidamente, porque esse tipo de indivíduo não consegue sair de uma crise de adolescência mal estruturada, que se prolonga até uma idade muito avançada, permanecendo, às vezes, durante toda a existência.

Afirma o autor que esse gênero de personalidade corresponde a indivíduos mal estruturados, mal organizados afetivamente, sem sonhos felizes, sem paixões, sem ideais realistas. São personalidades influenci-

áveis, insatisfeitas com o mundo, sem identidade real, sem gostos específicos.

A evolução de tais indivíduos rumo à toxicomania é dos mais fáceis; as personalidades desse gênero sucumbem, rapidamente, diante da pressão dos pequenos traficantes de drogas, eles próprios fármaco dependentes. Bergeret evidencia, nessas personalidades toxicomânicas, a existência de dificuldades identificatórias. Ressalta que modelos parentais sólidos (e paternos em particular) estavam ausentes. Os pais dos toxicômanos, segundo as pesquisas epidemiológicas, não são necessariamente pais briguentos ou divorciados, mas são, de preferência, pais apagados, pouco presentes e pouco representativos.

Em consequência disto, encontramos crianças mal estruturadas, inclinadas à imitação, muito mais do que à identificação propriamente dita.

Segundo o mesmo autor, essa carência identificatória limita o indivíduo a uma passividade diante das pressões externas, que são as do grupo social e as de seus líderes.

Mas, se a droga é o resultado e a expressão de atitudes deturpadas, ligadas a uma inadequada e/ou contraditória socialização, essa socialização deve estar, também, ligada a fatores preliminares de desordens familiares e sociais.

A perda da afeição familiar e do reconhecimento social estimula os jovens particularmente fragilizados e influenciáveis pelo grupo. Falando sobre a importância relativa da família e do grupo, no desenvolvimento da toxicomania, muitos trabalhos parecem constatar que o enfraquecimento da autoridade representada pela família predispõe, facilita e permite que a influência exercida pelo grupo seja dominante.

Quanto a questões sociais mais amplas, podemos dizer que os indivíduos, para avaliar o que são, ponderam o que têm. Habita-se num

mundo substancialmente artificial, onde o que prevalece é a exaltação dos objetos e a estimulação incessante do seu consumo.

Coloca Chomsky (citado por Kalina, 1976) que o capitalismo, indiscutivelmente, criou um complexo sistema industrial e uma tecnologia muito adiançada, mas tudo isso dentro de limites que agora devem ser ultrapassados. Trata-se de um sistema incapaz de satisfazer as necessidades humanas. O conceito de homem competitivo, que só procura ao máximo a riqueza e o poder, é anti-humano e se torna intolerável.

— Para Kalina, o problema da competição afeta não só as relações com os meios profissionais, mas também acaba invadindo a esfera das amizades, das relações dentro da família, levando, assim, aos relacionamentos humanos os germes da rivalidade destrutiva, da suspeita e do ciúme. Não foi outro o tipo de vínculo que o homem do capitalismo criou com a natureza. A natureza foi e é um objeto que deve ser dominado. O capitalismo, no sentido ideológico e não apenas econômico, só pode reconhecer a realidade se a exprime como posse.

Em consequência, as relações válidas para ele são as de dependência. E para Kalina, acima de tudo, a adicção, seja o que for, responde à imperiosa necessidade de provocar, artificialmente, uma fantasia que é vivida como certeza por quem a experimenta. Ao consumir fumo, o sujeito supera um instante de ansiedade que, de alguma forma, acredita ou concebe como insuportável. Como afirma Rogers, citado por Kalina (1976), a impessoalidade da cultura, seu caráter transitório, e a anomia são todos elementos que provocam solidão, fazendo com que o sujeito não tenha contato real com outras pessoas. E esta solidão é tanto maior quanto mais aglomerados estamos.

2.3.2 Conceitos Relativos À Toxicomania

De acordo com o modelo epidemiológico clássico, a toxicomania resulta da interação de três distintos fatores: droga, ambiente e indivíduo. O resultado final dessa interação é a instalação da "doença" no indivíduo dependente.

Entende-se por droga toda substância que, introduzida em um organismo vivo, pode modificar uma ou mais de suas funções biológicas. A partir desta perspectiva, tudo o que inalarmos, injetarmos ou ingerirmos será considerada droga, tal como o álcool, o cigarro, os medicamentos, os poluentes.

Sem dúvida, trata-se de uma definição muito ampla e, portanto, de pouca utilidade. Restringindo, então, esse universo de substâncias, podemos considerar, aqui, as drogas como equivalentes aos psicotrópicos. Estes são definidos como:

Substâncias químicas naturais ou sintéticas que têm a faculdade de agir sobre o SNC, mudando, às vezes, de maneira substancial, padrões de comportamento (Mansur, 1985).

É, com efeito, característica das drogas psicotrópicas a alteração da mente humana, com reflexos visíveis no estado de ânimo. Sua ação pode afastar, temporariamente, os sentimentos de tristeza, melancolia, angústia.

O próprio conceito de toxicomania data do início dos anos 20. Foi utilizado amplamente por médicos, juristas e sociólogos, que tentaram, cada um à sua maneira, defini-lo. Desde 1950, a Organização Mundial de Saúde havia sugerido uma definição de toxicomania nos seguintes termos:

- a) *Desejo invencível ou necessidade de consumir a droga e de obtê-la a qualquer custo, de qualquer modo.*
- b) *Tendência a aumentar a dose.*

c) Dependência de ordem psíquica e, às vezes, física, no tocante aos efeitos da droga.

Essa definição pretendia, basicamente, distinguir-se de "habituação", que envolve tudo aquilo que pode ser chamado, atualmente, de dependência psíquica.

Com o decorrer dos anos, os peritos da Organização Mundial da Saúde (OMS) se deram conta de que essas diferentes definições não se aplicavam a todas as drogas. Assim, em 1965, propuseram uma nova definição de dependência:

Um estado que resulta da absorção periódica ou continuamente repetida de uma determinada droga.

Constatamos, facilmente, o caráter vago de tal definição, traduzindo a incapacidade em determinar as razões, não necessariamente médicas, que levam as sociedades a colocar certos produtos sob controle.

O termo "farmacodependência", definido pela OMS, em 1969, tencionava ser mais preciso:

Estado psíquico e às vezes físico causado pela interação entre um organismo vivo e um elemento farmacológico. A farmacodependência caracteriza-se por modificações no comportamento e por outras reações que compreendem sempre um impulso irreprimível para consumo de um fármaco em forma contínua ou periódica, a fim de experimentar seus efeitos psíquicos e às vezes para evitar o desconforto de sua ausência.

Estas duas definições têm, pelo menos, o mérito de não subentenderem um julgamento de valor, nem visarem, necessariamente, uma conduta anti-social. Por outro lado, ambas enfatizam o aspecto de dependência psíquica, o qual é inerente, em graus variados, a qualquer consumo de drogas.

Os trabalhos científicos atuais acrescentaram às considerações acima a dimensão socio-cultural do problema, relegando a um segundo plano as dimensões puramente farmacológica e médica. Desse modo, a toxicomania é, presentemente, compreendida, estudada e definida enquanto conduta especificamente humana, qualquer que seja a substância empregada.

3. OBJETIVOS

Partindo do pressuposto de que haveria uma relação entre estrutura familiar e o uso de drogas e que, de alguma maneira, a qualidade do relacionamento familiar é co-geradora do fenômeno de dependência, este trabalho tem como objetivos:

1. Analisar a representação que o dependente de drogas faz de sua família.
2. Compreender de que forma essas representações sociais do adolescente, desenvolvidas no grupo familiar, podem atuar no comportamento de consumir drogas.

4. METODOLOGIA

Pela natureza do nosso estudo e pelos pressupostos teóricos adotados, a obtenção de dados qualitativos nos pareceu a perspectiva mais coerente. Esses dados foram obtidos dos próprios sujeitos dependentes de drogas, através de seus depoimentos.

Trata-se de um estudo de corte qualitativo, através do qual se buscam elementos e subsídios para embasar uma proposta de programas para o atendimento à família, na área de prevenção em Educação e Promoção em Saúde Pública.

A abordagem qualitativa utilizada, como assinala Minayo (1992), é compatível com a busca da recuperação da vivência do universo familiar pelos usuários de drogas.

Com efeito, em função da complexidade do assunto em questão, parece impor-se um mergulho na subjetividade de cada caso (Minayo, 1992) ou de cada família, pois somente à luz de sua história vão ganhando contornos suas motivações, suas frustrações, seus conflitos.

Com essa perspectiva, entrevistamos 12 adolescentes do sexo masculino, de 14 a 21 anos de idade (no ano de 1995), que estavam internados no Centro para Tratamento de Dependência Química Vila Serena, localizado na cidade de São Paulo, e que aceitaram participar do nosso trabalho.

Trata-se de uma clínica que tem por finalidade servir como recurso às empresas na implementação de programas de prevenção e tratamento de empregados com dependência química, atuando, também, no tratamento de clientes particulares. Vila Serena atende diretamente várias empresas, estando também incluída em planos de saúde.

O instrumento utilizado para coletar as informações foi a entrevista semi-estruturada. O roteiro da entrevista é um convite para os depo-

entes falarem sobre sua família, de uma forma solta e mais ligada à associação de idéias. A questão: *O que vem à sua cabeça quando falo a palavra família?* aumenta a chance de surgirem associações livres, trazendo outros conteúdos ligados a essa representação.

Não se pretende, obviamente, generalizar conclusões e sim penetrar no âmago de algumas histórias, deixando que seus temas mais modulares se destaquem, a ponto de solicitarem não só uma interpretação que resgate, mas também que ultrapasse o senso comum (Spink, 1993).

Nessa pesquisa utilizamos sujeitos que fazem uso de qualquer tipo de droga, excluindo os casos de alcoolismo puro, tendo em vista melhor delimitação do nosso problema.

Os depoimentos foram coletados através de entrevistas individuais e voluntárias, utilizando-se gravador e fitas de audio, que foram transcritas, preservando-se a forma original da fala dos depoentes.

5. ANÁLISE DOS DEPOIMENTOS

Os 12 adolescentes pesquisados são do sexo masculino (é o sexo da maioria dos internados para tratamento na Clínica Vila Serena). As idades variam de 14 a 21 anos.

Todos os adolescentes entrevistados residem, com suas famílias, em São Paulo. A metade dos entrevistados tem família composta por pai, mãe e irmãos. Os que residem só com a mãe e irmãos têm história de separação e morte do pai. A presença de avós maternas, tios e primas que moram junto foi encontrada em três casos de casais separados.

Muitas são as leituras possíveis dos depoimentos em que os adolescentes, estimulados pelas questões que foram a eles colocadas, falam sobre suas famílias.

A que vamos apresentar aqui é apenas uma das leituras, que acreditamos possa oferecer uma interpretação possível para o modo como o adolescente viciado em drogas vê sua família.

Essa leitura se fundamenta num grande eixo semântico que, tendo a droga como principal elemento temático, articula a representação da família pelo adolescente drogado em torno da oposição **união - fratura**.

Com efeito, após detalhada leitura dos depoimentos, foi possível identificar que os entrevistados representam a família ideal marcada pela idéia de **união**. Os três depoimentos abaixo sintetizam essa idéia.

Família para mim, hoje, seria o sentido da união; seriam pessoas que convivem juntas, mas com harmonia, com uma humilha-

de, com compartilhãõ; onde cada um fala de si,(...),nãõ ter agressividade: saber como lidar com problemas, saber como conviver junto (...). Eu vejo família como isso: família hoje seria você compartilhar, viver junto, uma uniãõ: saber como viver em uniãõ. (Entrevista 8)

Um conjunto de pessoas unidas e que se importam comigo. Por exemplo, quando eu apronto alguma coisa, quem vai sofrer as consequências seria primeiro minha família: meu pai e minha mãe. Amigo, por exemplo, só é bom quando a gente tem grana; agora, pai e mãe é pau pra toda obra. Família pra mim é tudo. (Entrevista 10)

Família, tanta coisa. União, amor, carinho. Amor de marido, mulher, filho. Carinho é o que eu tenho por eles. (Entrevista 11)

Consideram os entrevistados que família seria o bem estar acompanhado de convivência harmônica; vida compartilhada e participação em uma relação, onde não há predominância de um sobre o outro.

Podemos observar, por estes depoimentos, que a representação da família dos adolescentes dependentes de drogas não difere muito da maioria das pessoas. Em termos de estrutura e função, são atribuídas à família qualidades ideais: lugar de paz, amor e harmonia entre as pessoas. Esse ideal de família, mitificado através dos séculos, aparece como aquilo que é desejável, como uma expectativa, no discurso dos entrevistados.

Tendo como pano de fundo essa representação da família, fundada na idéia de união, a droga aparece ligada ao seu oposto, isto é, a uma "fratura" nessa união. Mergulhados sobre suas próprias famílias, os entrevistados enxergam que nelas nada se discute; não há diálogo nem envolvimento entre as pessoas; queixam-se de solidão, de abuso de autoritarismo e de ausência da figura paterna, quase sempre acompa-

nhada do uso do álcool; e esse modelo parece ter norteado o caminho para as drogas. O espaço comum da família, que é a casa, parece ser só físico.

A "fratura" da família idealizada é representada: pelo uso da droga; pelo impedimento de maior envolvimento com a família (causado pela droga); pela não aceitação do uso da droga, por parte dos familiares, envolvendo a "perda da confiança". A seguir, extratos de depoimentos de quatro entrevistados:

Na época que usava drogas mais fracas, podemos dizer assim perante ao crack, que seria a cocaína, anfetamina, ácidos,...), não tinha muito envolvimento com a família porque quando eu usava ficava calmo, eu ficava me sentindo bem, então eu aceitava tudo, eu era uma pessoa passiva, acabava aceitando o que os outros falavam, eu nem ligava. Quando eu não usava,...) eu ficava agressivo verbalmente (...). Então, chegou um ponto que meu pai já desligou; já pôs eu fora de casa e falou: Se quer por bem eu te alugo uma casa, te ajudo a pagar. Mas se quiser por mal, se quiser continuar usando, quiser ficar nesta vida de droga, você vai ficar sozinho. Então, minha família, hoje em dia, está melhorando, está tendo uma união. (Entrevista 8)

A gente tem uma puta união, só que a partir do momento que meus pais souberam que eu usava droga, daí houve uma separação, um isolamento individual de cada um, devido eles não aceitarem esse fato. (Entrevista 7)

Minha família é normal, como todas, assim entre aspas; errado fui eu de ter começado com a maconha e estou nessa. E isso quebrou um pouco, né, meu pai não tinha mais confiança em mim e no meu irmão, a partir que ele descobriu que eu fumava maconha, quebrou um pouco as coisas em casa. A gente sempre foi bem de

vida.(...) Era bem unida, era uma família mesmo, era a família que eu sonhava. (Entrevista 2)

Sim. Antes de eu usar drogas, eu tinha um relacionamento super bom mesmo com minha família, com meus pais, meus irmãos. Eu tinha um relacionamento muito bom, sempre fomos muito abertos um com o outro. Eu sou o filho mais velho. A partir do momento que comecei a usar drogas, eu fui perdendo todos os meus valores, fui perdendo tudo aos poucos; por exemplo, confiança. Não tinham mais confiança. Por exemplo, à noite meu pai ia dormir, escondia a chave do meu carro pra mim não sair de madrugada. Grana, não deixavam mais espalhada pela casa. Comecei a usar drogas com 17 anos. Antes não usava nem cigarro. Então, fui perdendo a confiança de meus pais, fui perdendo tudo o que eu tinha de bom, todos os meus valores. Fui criando muitos defeitos de caráter, né, como desonestidade. Passei a ser desonesto com as pessoas, comigo mesmo; orgulhoso, não dava o braço a torcer pra ninguém. (Entrevista 10)

Bergeret (1991) descreve os mitos familiares, nas famílias de heroínômanos atendidas para tratamento, a saber: o da boa convivência familiar; do perdão, da expiação e da salvação; e o da toxicomania como conduta sacrificial. Esse conjunto de crenças é defendido por todos os membros da família.

Os adolescentes, por nós pesquisados, representam suas famílias como tendo um funcionamento idílico antes da revelação da falha representada pela conduta toxicomânica. Uma parte dos adolescentes representa suas famílias como unidas, não alegando qualquer outro "problema", além da droga, para justificar uma fratura nessa "união familiar" idealizada por eles.

A presença da droga adquire, às vezes, ares de fatalidade, associada, na representação dos entrevistados, a uma predisposição.

Eu tenho um caso, que é droga, estou aqui por causa de droga. Eu não sou alcoólatra, mas tenho que evitar o primeiro gole porque, se beber, já me estimula, eu fico descontrolado, encontro um rapaz que já é da ativa, ele faz minha cabeça. Eu tenho que controlar os meus hábitos. Eu tenho uma co-dependência, herança que o meu pai deixou pra gente, uma predisposição a respeito da droga. E isto representa a minha família, está ligado bastante a isso aí, predisposição (...) A minha família tem muito problema.
(Entrevista 1)

Esse adolescente parece assumir, além da própria culpa, a de todos os membros da família. Os desentendimentos conjugais, os atos de violência do pai diluem-se diante de sua dependência às drogas.

Com efeito, segundo as representações dos adolescentes entrevistados, as suas famílias vivenciaram desestruturações muito grandes e essas desestruturações são encaradas como sendo motivadas, seja diretamente pela própria droga, seja pela droga associada à agressividade, ao autoritarismo, à separação dos pais, ao alcoolismo parental, à ausência de diálogo no grupo familiar, à presença de amantes na vida dos pais, à morte do pai, etc.

Os dependentes de drogas apresentaram histórias familiares comoventes e dramáticas; mencionaram não conhecer o amor de pai e demonstraram uma certa pena da mãe, considerada vítima e sofredora. Alguns disseram não possuir família, visto que a desestruturação da mesma havia se dado em fases precoces de suas vidas.

Observamos, no relato das entrevistas, uma representação da família como sendo um agrupamento de pessoas que não dialogam, coabitando sem constituir um grupo que inclua o adolescente em seu núcleo e sem oferecer a ele proteção.

Dentro do grupo familiar, os entrevistados carecem de atenção, companheirismo, embora se representem afetivamente ligados aos pais.

Alguns entrevistados representam-se desprotegidos do amparo paterno e materno, excluídos do núcleo familiar. Queixam-se de solidão, isto é, de abandono dentro da família. Esta representação de si mesmos faz com que sintam dificuldades na adolescência, período em que se dá o início do uso de drogas.

Alguns depoimentos são exemplares a este respeito:

Família... Ah, vem muitas coisas; uma das coisas que vem é... complicação. Minha família foi sempre muito complicada. Desde cedo, eu tive pouco afeto; digo isso porque eu não tinha muito contato com minha mãe, porque quando ela não estava trabalhando, ela saía. (Entrevista 9)

Uma tristeza, raiva, desespero, essas coisas... Na minha família, eu ficava num canto, ninguém ligava para mim. Meu pai é alcoólatra, meu avô morreu de cirrose; minha mãe também, de vez em quando, bebe (...). Eu sou sozinho, largado num canto. Moro com a minha avó, minha mãe e com meus irmãos. Minha mãe se separou do meu pai. Eu fico sozinho em casa. Sou o filho do meio. Meus pais estão separados há três ou quatro anos. Quando eu chegava da escola, meu pai me batia, estava alcoolizado. (Entrevista 4)

*Minha família é ... Tenho um irmão, meu pai, minha mãe e ...
Nunca foi muito unida; sempre teve muita discussão. É uma família meio disfuncional, né. Sou o filho mais novo. Nunca tive muita liberdade pra conversar muito com meus pais; conversar assim como estou conversando com você, mas não "conversa"; só em raros momentos. Por causa de muita discussão que a gente teve, né, muito do próprio processo (...) Sempre teve muita discussão pelo fato da personalidade do meu pai ser X, da minha mãe ser Y, a minha ser V, a do meu irmão ser H. Cada um tem um nível e ninguém*

entra em acordo, né. A briga era por limites, por respeito, não respeito de educação, mas respeito das pessoas como pessoas, o que elas pensam, o que elas querem fazer. Não existia respeito dos meus pais em relação a mim e a meu irmão. Por exemplo, da forma de ser, da maneira de ser, das coisas que se gosta, do que pretende fazer, entendeu? Não pelo fato do que vai fazer, se é certo ou errado, mas pelo fato da própria opção de vida. Por exemplo, opção de carreira. Por exemplo: "Que cor você gosta? Você não pode gostar do azul, só pode gostar do vermelho, porque o vermelho é a cor que eu acho que você tem que gostar. (Entrevista 12)

Há um apelo, nestes relatos, para que os pais cuidem deles. Já em certos casos, a ausência de diálogo entre o casal é citado como a causa dos desencontros, quanto à educação dos filhos, e da separação do casal.

Meus pais não tinham muito diálogo; minha mãe sempre protegia e meu pai sempre agredia; então, acabava em atrito. Como eles não tinham muito diálogo, por exemplo, meu pai me proibia de alguma coisa, eu ia lá - mãe pode, pode eu ia, fazia; aí, meu pai vinha brigar comigo - "Não, minha mãe deixou" - então acabava em atrito. Daí, foi quando eles se separaram por um tempo. (Entrevista 8)

Evidentemente, se não há acordo entre os pais quanto às coordenadas adotadas na política da família, faltará ao adolescente um referencial seguro, único, no qual possa se apoiar, servindo-se dele como guia para seus comportamentos.

Contextualizando nossa análise além dos limites do grupo familiar, observa-se que as relações de trabalho mantidas pelos pais e através das quais a família atende suas necessidades, inserindo-se nos grupos

sociais secundários, também têm sua participação nos desencontros familiares, tão bem representados pelos adolescentes.

Os pais são figuras pouco presentes em suas vidas e os vínculos estabelecidos entre eles e os pais são frustrantes, eles não entendem suas necessidades afetivas, não ouvem suas solicitações.

Assim, a falta de diálogo, prejudicado devido ao trabalho externo de ambos os pais, e a consequente deteriorização da qualidade da relação no interior da família, fazem com que se representem excluídos, deixados de lado, encontrando sustentação na forma como é vista a autoridade paterna:

Minha mãe sempre trabalhando, ela é médica, meu pai sempre viajando, é engenheiro agrônomo. Então, não tinha um contato com família. À noite, quando se estava junto, os problemas vinham à tona pra minha mãe, então ela vinha brigar, discutir. Geralmente quando estava junto acabava em discussão. (Entrevista 8)

Meu pai trabalhava de segurança. Minha mãe trabalhava em escritório, na Eletropaulo. Minha mãe trabalhava e chegava à noite; meu pai trabalhava à noite. Eu não tinha diálogo na minha casa. Eu tirava dúvidas com amigos de confiança. (Entrevista 4)

O pai e a mãe são representados como ausentes, tanto física como psicologicamente, ignorando suas necessidades de atenção; como consequência representam-se vivendo na solidão e no isolamento.

Bergeret (1991) refere que a maioria dos toxicômanos encontrados atualmente é constituída por personalidades depressivas, fruto da evolução de um certo afrouxamento dos laços afetivos no interior das relações familiares. São personalidades caracterizadas por importante imaturidade afetiva, impedindo que o indivíduo se estruture solidamente, pois não conseguem sair de uma crise de adolescência.

A figura paterna, dominada pelo alcoolismo, encontra-se ausente, física e psicologicamente, em grande parte dos adolescentes pesquisados. Os pais perdem suas funções e têm que ser substituídos. O pai age de forma autoritária, repressiva e as necessidades, muitas vezes, são trocadas por coisas:

Meu pai faleceu há 8 anos. Era um alcoólatra. Minha família tem muito problema. Como meu pai era alcoólatra, meu irmão que tomava conta de nós quando éramos pequenos. Minha mãe ia trabalhar e meu pai ficava bebendo pinga, ele bebia de segunda a segunda. E o meu irmão tomava conta da gente, ele era nosso pai. Ele é muito importante para nós. Meu pai chegava em casa bêbado, o pessoal falava alguma coisa na rua, a vizinhança já falava que eram os filhos do Arnaldo, nós éramos o motivo porque éramos molequinhos largados. Ele chegava alcoolizado e não queria nem saber, já chegava e batia. Ele nunca me ralou a mão mas eu via sempre as brigas, tinha muito medo dele, não sei se porque eu era o filho caçula, era mais apegado a ele. Ele nunca ralou a mão em mim, nem na minha irmã, mas o resto... Eu era o mimado, o caçula da família. Meu pai sempre brincava comigo, me levava pro bar, me enchia de bala, eu gostava disso aí. Eu gostava muito dele.
(Entrevista 1)

A autoridade paterna assim vivida dificilmente será significada pelo adolescente como modelo de amor e proteção. Desta forma, a representação social que o adolescente faz da autoridade do pai é de uma autoridade que se investe de excessivo poder, desvinculado da sua compreensão e de suas necessidades, chegando até a dificultar o processo de identificação, em vista da distância que se cria entre os pais e os filhos. Tal como discute Anna Freud, o controle paterno é possível e benéfico na medida em que é acompanhado de afeto e segurança; caso

contrário, ele irá senti-lo como manifestação de hostilidade (apud Ackerman, 1986).

Laing nos dá a interpretação desta situação vivida:

É verdade que o lugar do pai frequentemente é deixado vazio. Não é ocupado pelo homem que é chamado de pai, nem parece sê-lo por qualquer outro. De fato, o lugar está puro e simplesmente vazio. Há um lugar vazio para uma autoridade masculina, mas a autoridade que efetivamente existe (quando existe), frequentemente não é o que propriamente chama-se autoridade. É terror, é mero poder, força bruta, que não suscita o mínimo respeito, mas somente o medo.

Os entrevistados, ao falarem de suas famílias, queixam-se do uso de agressão e de autoritarismo paterno, nas relações familiares; às vezes, preferem não ter qualquer relacionamento com elas.

Hoje, acho melhor não conviver mais junto sendo uma família mas não junto com meu pai. Sempre que estou junto com meu pai, como somos os dois agressivos, é difícil um abaixar a bola para o outro. Quando estava em recuperação e eu abaixava a bola pra ele, ele aproveitava. Ele é dependente do dependente; ele vive a minha vida e não a dele; por exemplo, quando ele chegava pra mim e falava: -Você fez isso errado. Eu virava pra ele: - Não fui eu. E começava o atrito. Quando estava em recuperação eu dizia "tudo bem" e ficava danado da vida porque aceitava, eu não falava nada, não discutia, ia lá e fazia, podia não ter sido eu. Não dá para morar com ele; tenho dificuldade de relacionamento com ele, temos o mesmo temperamento; então, não bate. Meu pai sempre foi mais explosivo, tem o temperamento agressivo. Minha mãe é mais passiva, já aceita mais, é igual ao meu irmão. Então, eu me dou bem com a minha mãe e minha mãe não se dá bem com meu irmão; e meu irmão se dá bem com meu pai e eu não. Então, fica esse triângulo. Hoje em dia, em casa, está diferente; como minha mãe tem

esse problema da passividade, eles chegaram num acordo. A pessoa que tentava me convencer que eu estava errado me batia. Meu pai é autoritário; então, também não inspirava respeito. Meu pai não percebia que estava faltando o carinho, o amor, em casa. (Entrevista 8)

Eu tive um problema com meu pai, aos 14 anos, que me deixou chateado. Eu tinha um bem na época, um gravador, era meu sonho; eu consegui juntar algum dinheiro pra comprar esse gravador e pedi a ele a outra parte. Só que depois eu vendi esse gravador e ele não gostou. Ele era um cara muito rígido, muito ignorante. Ele espancava, batia, pegava a cinta. Mesmo não morando junto, ele ia lá. . . e quando vendi o gravador, ele ameaçou dar uma surra. Fiquei com medo, foi tipo uma fuga. Minha mãe não aceitou que ele me batesse e me deu a maior força quando saí de casa. Saí por causa de meu pai. Quando ele prometia, ele cumpria. Se ele dissesse: "Vou te dar uma surra", a gente podia esperar que ele cumpria; aquilo me revoltou. (Entrevista 11)

Em muitos casos, a agressividade aparece sob forma de violência física, relacionada com os momentos em que o pai estava alcoolizado, gerando um sentimento de abandono e solidão em família.

Meu pai me batia muito, por qualquer coisa que eu fizesse de errado; ficava bêbado todo dia. (Entrevista 4)

Os pais perdem as suas funções. O pai alcoólatra é também cuidado pela mãe e pelos filhos. Ele é radical, violento, autoritário e opressivo. Anula os filhos e não atende às suas necessidades de segurança, apoio, afeto. Os filhos procuram ocupar o lugar do pai, em relação à mãe e aos irmãos.

Ele chegava em casa bêbado e não queria nem saber; nem perguntava o que tinha acontecido. Já chegava e batia, mas batia

com tal ignorância, catava no cabelo, batia na parede. Quando minha mãe estava em casa, várias vezes meu pai chegava agredindo ela, meu irmão mais velho sempre se intrometia. Teve um caso que marcou bastante, meu pai foi bater nos meus irmãos, minha mãe entrou no meio; nisso, meu pai estava com uma faca na cintura e ninguém sabia. Ele puxou a faca e falou que ia sangrar uns que chegassem perto dele. Eu comecei a chorar quando vi aquela faca. Então meu irmão foi acalmá-lo, o que é homossexual, e meu pai atingiu-o no braço, cortou o braço dele(...). Quando eu via ele descendo a rua, eu corria para me esconder, eu e meu outro irmão. Tinha que deixar a casa arrumada, se não estivesse arrumadinha e a comida quente, ele virava tudo, quebrava tudo. (Entrevista 1)

Em consequência disto, encontramos crianças mal estruturadas, inclinadas à imitação, muito mais do que à identificação propriamente dita. Constatamos uma incapacidade de integrar as qualidades dos pais, de absorver essas qualidades em si, para si, de confrontar-se com os pais, de se colocar, finalmente, no lugar deles, o que desemboca numa verdadeira identidade, com tudo o que existe de positivo, de criativo, no plano do relacionamento. (Bergeret, 1991)

Em muitos depoimentos, são relatadas histórias de separações dos pais e, em mais de um relato, a separação coincide com o início do uso da droga pelo adolescente. O emaranhado dos laços familiares é muito poderoso e os jovens enfrentam a problemática da separação dos pais com dificuldade, devido à importância dada à lealdade.

Meus pais se separaram quando eu tinha 8 anos de idade; ficaram uns 3 a 4 meses separados e voltaram. Foi na época da minha hiperatividade, não teve nada a ver com a droga. Foi porque eles não estavam conseguindo lidar nem comigo, nem com meu irmão. Naquela época, comecei a usar droga; eu já tomava remédio para minha hiperatividade, como Lorax, para acalmar minha ansie-

dade, Diazepan porque tinha insônia. Nessa época, tomava com cerveja. Comecei a fumar cigarro com 8 anos, maconha com 9; com 10 anos usava cola de sapateiro e drogas inalantes.
(Entrevista 8)

Em alguns casos, a separação do casal se deveu ao fato da presença de uma terceira pessoa na vida do pai ou da mãe, o que é colocado como um verdadeiro corte na família. O uso de droga, nesse caso, pode ser visto como um recurso utilizado contra essa ameaça de separação ou como revolta pela indiferença do pai ou da mãe.

Eu gosto muito da minha família. Eu perdi muitos anos da minha vida; tenho 21 anos, e tenho 7 anos de uso de cocaína, e durante esses 7 anos eu me afastei muito da minha família. Ainda ontem, no telefone, quando falei com meu pai que o amava, ele caiu num choro, que fazia muito tempo não fazia isso. Eu estou me apegando à minha família novamente. Mas não foi sempre assim. Meu pai teve uma amante, 10 anos mais nova do que minha mãe; eu tinha 14 anos, e começaram as brigas, querer se separar. Minha mãe foi parar na psicóloga. Minha irmã namorava, saiu de casa com o namorado. E eu ficava em casa chorando, porque eu não queria que meus pais se separassem; eles não se separaram, mas eu ficava em casa desesperado. Daí, comecei a cheirar cola, beber os wiskies do meu pai, e comecei a minha dependência química.
(Entrevista 6)

A preferência dos pais por um dos filhos é relatada, por alguns adolescentes investigados, como fator dificultador da internalização de uma relação familiar integradora:

Quando eu era pequeno, minha mãe me dava carinho. Meu pai era bem difícil: dava mais carinho pra minha irmã (...). Só carrego um pouco de mágoa do meu pai; quando era pequeno meu pai

batia; pensava que eu era o culpado; a minha irmã fazia coisa errada e ele descontava em mim; eu era o mais velho dos meninos, ele batia mais em mim. (Entrevista 5)

O autoritarismo paterno nas relações familiares não permite uma discussão sobre outro "arranjo familiar" que, pelo menos, ofereça ao adolescente a possibilidade de contar com um aliado: seu irmão. Constatase que até a relação entre irmãos, onde a cumplicidade se faz necessária, é prejudicada pela preferência dos pais:

Minha irmã era o xodó pra ele, nela ele não ralava a mão. Teve um dia, quando completei meus 13 anos, trabalhando, machucado, ele batia em mim (ele até esqueceu, mas eu não esqueci não. Teve um dia que ele chegou em mim e falou: "O que foi que você não conversa mais com o pai, você é difícil de conversar". Eu falei: "Ó pai, você não dá carinho pra mim, você não dá o carinho que você dava, que você dá pra minha irmã". Minha irmã ia trabalhar com ele; todo final de semana ela pedia coisa pra ele e ele dava (vestido) uma coisa pra ela. Quando eu ia trabalhar com ele, não me dava nada. (Entrevista 5)

6. CONCLUSÕES

A droga está ligada a uma complexa relação que envolve, na consciência do drogado, um agudo conflito entre uma representação idealizada da família como equivalente à união, harmonia, ajuda mútua, diálogo, compreensão das diferenças, compartilhamento, e a vivência de uma realidade familiar prenhe de autoritarismo, violência, infidelidade, ausência de diálogo. Tais aspectos são vividos como sintomas de uma fratura nesta visão de harmonia idealizada, e associados, causalmente, a notórios agentes maléficos como a própria droga, o álcool, a amante, a falta de tempo dos pais para se dedicarem aos filhos, as taras familiares.

União-fratura é, pois, um eixo semântico que, aplicado à representação dos drogados estudados neste trabalho, permite que se entenda o sentido por eles atribuído à *família-quando-afetada-pela-droga*.

UNIÃO ↔ FRATURA

A droga aparece, em alguns depoimentos, como **causa** da fratura da família, o que, lógica e psicologicamente implica, para o depoente, em auto-atribuição de culpa pela desagregação da família.

Em outros depoimentos, o sintoma droga já não aparece mais como causa, mas como **efeito** ou resposta à desagregação da família, causada pela separação do casal, por uma tara familiar, pela presença de uma amante do pai, pelo álcool, preferência por um filho, etc.

Violência, autoritarismo do pai e submissão da mãe, ausência de diálogo, são outras tantas **unidades semânticas** que parecem ter a função de fornecer o "clima" ou o "ambiente" que envolve a droga e seus

efeitos "fraturantes" na família do adolescente usuário de drogas. Vejamos isso através do esquema a seguir.

A FAMÍLIA PARA O USUÁRIO DE DROGAS
ESQUEMA DA REPRESENTAÇÃO
CAUSAS

AMBIENTE FAMILIAR

EFEITOS

É claro que se trata de um esquema e que a família, a droga e todos os fatores associados mantêm entre si relações complexas, onde nem sempre é fácil distinguir causas, efeitos e fatores associados. De qualquer forma, a droga pode ser vista como um signo pervertido da família, na medida em que cumpre o papel de *estar no lugar* desta família que não existe mais (já que a família parece só poder existir unida) mas que, ao mesmo tempo, não pode deixar de existir. Em suma, a família aparece, aos olhos do filho adolescente drogado, como um vaso quebrado que precisa, a qualquer preço, ser colado, ainda que seja com a "cola da fantasia".

Coisas materiais nunca faltou em casa. Sentia falta do lado afetivo, até hoje sinto isso, consequência de eu ter gostado da droga. Quando eu usava droga, sentia que estava sendo afetivamente bem tratado, tinha afetividade, era carinhoso, que eu sentia e recebia carinho. A droga era como se fosse o substituto do meu pai e da minha mãe, a família que eu não tive. Quando usava droga eu achava que a família era perfeita. (Entrevista 8)

7. ALGUNS DESDOBRAMENTOS

É quase trivial colocar que o necessário e urgente trabalho de prevenção do uso de drogas passa, sempre, pela espinhosa "questão da família".

Por que a família é, hoje, uma questão espinhosa? Porque, hoje, é mais aguda a consciência das inevitáveis tensões e contradições que afetam toda a família, na medida em que: por um lado, é impossível não vê-la como uma instituição social protetora, portadora de uma missão, de um "dever", enquanto estrutura de suporte natural e inevitável para todo ser humano; por outro lado, não é também possível deixar de considerar que esta mesma estrutura, ética e naturalmente protetora, é composta por seres humanos e não por papéis sociais (de pai, mãe, filho, avô, tia, etc.) encarnados.

Ora, a representação da (sua) família, a partir da visão do adolescente usuário de drogas, esboçada neste trabalho - que certamente não difere, em grandes linhas, de como a relação droga ↔ adolescente ↔ família é vista hoje pelo conjunto da sociedade brasileira - coloca no centro do problema a tensão entre realidade e fantasia, entre "ser" e "dever", entre pessoas concretas e papéis sociais abstratos. De fato, a partir da representação que o adolescente manifesta sobre a (sua) família, nesta pesquisa, vemos que, para ele, o (seu) consumo de drogas está relacionado a um pai que não conseguiu "ser pai", em função do alcoolismo, ou da incapacidade para dialogar com o filho; de um casal que não conseguiu "ser casal", porque só tinha tempo para o trabalho e não para os filhos; de um pai ou uma mãe que não conseguiram "ser pais" porque "elegeram" um filho em detrimento de outro; de um filho que não conseguiu "ser filho" porque, em vez de cumprir o papel que lhe correspondia na estrutura familiar, decidiu "cair na droga".

Isto posto, um desdobramento que poderia derivar desta pesquisa seria o de que os trabalhos e projetos de prevenção do uso de drogas deveriam, tomando como base esta contradição estrutural da família, planejar para a criança, para o adolescente e para a própria família, atividades educativas voltadas para a difusão da idéia, realista, de que toda família e cada um de seus membros é passível de passar por crises mais ou menos longas ou severas que podem, perfeitamente, ser vividas - pelo pai, pela mãe, pelo filho, pelo irmão - sem culpa (por não estarem sendo o que "deveriam" ser), sem desespero ou escapismo. Todas as três condutas, classicamente associadas ao uso de drogas, podem ser superadas, na medida em que se confie na inquestionável capacidade que tem o ser humano de se reorganizar, diante de situações adversas (Grotberg, 1995).

Estamos certos de que as interrelações indivíduo-grupo familiar afetam a saúde e a doença; no nosso caso, a drogadição.

Ora, uma das marcas do nosso tempo é a peculiar desarmonia das relações do indivíduo com a sociedade mais ampla, com uma tendência para a solidão e a perda da identidade pessoal. Um efeito dessa tendência é que as pessoas são atraídas de volta para o seu grupo familiar, na busca, talvez fantasiosa, da restauração de uma sensação de segurança, união, dignidade e valor.

Nesse sentido, a família é invocada para compensar seus membros individuais com afeto e proximidade, enfrentando a ansiedade e a angústia, que são resultados da dificuldade em encontrar um lugar seguro no mundo exterior. Os indivíduos voltam-se, então, para suas famílias, em busca de reafirmação de seu valor.

Mas, no fim desta busca, que famílias ou ambientes familiares encontram pela frente?

Com muita frequência, uma família onde o pai é um ausente, "física ou psicologicamente", a maior parte do tempo, e onde a mãe as-

sume a posição dominante e a responsabilidade pelos assuntos familiares.

Em muitas dessas famílias, os pais também não dão atenção emocional adequada às necessidades de seus filhos, trocando-as por coisas materiais. Nessas famílias, a troca emocional e a identificação são insuficientes e a comunicação reduzida.

Considerando essas premissas, um programa de educação familiar que seja adequado para as famílias de nosso tempo deve apoiar os pais em seus esforços próprios para fazer face às realidades de seu mundo instável. Este programa, como assinalamos acima, deve levar em conta a necessidade de aliviar os pais da carga de vergonha e culpa pelas tensões familiares que são, numa larga medida, um sintoma do stress característico da vida moderna, notadamente das sociedades densamente urbanizadas. Fazendo isso, podemos ajudá-los a encurtar a distância entre os ideais familiares irreais e as realidades da vida familiar atual, e assim, talvez, facilitar suas adaptações aos papéis e funções familiares.

A prevenção primária das toxicomanias não é do domínio de especialistas da toxicomania; refere-se aos ambientes mais próximos da criança e do adolescente, em particular ao ambiente familiar e escolar. Esta prevenção não deve estar centralizada exclusivamente na droga, devendo basear-se nas dificuldades relacionais de uns e de outros, adultos e crianças, já que é o conjunto dos problemas relacionais fragilizantes, tanto no indivíduo quanto no ambiente, é que deve ser questionado, em termos positivos novos.

Estamos cientes, por outro lado, do caráter genérico destas recomendações e de que, na prática, as dificuldades a serem resolvidas mostram-se muito complexas, tanto do lado dos indivíduos como do lado das famílias e dos demais ambientes sociais.

Mas, desde o início deste trabalho, não tínhamos nem a pretensão nem os meios de propor respostas para estas dificuldades. Nosso objetivo essencial era apenas o de, modestamente, contribuir para o encaminhamento do problema da drogadição entre adolescentes, levantando alguns aspectos da dinâmica familiar que, acreditamos, encontram-se, nesta faixa etária, na raiz de boa parte das toxicomanias.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACKERMAN, N. W. Diagnóstico e tratamento das relações familiares. Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.
- ARIÉS, P. História social da criança e da família. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- BERGERET, J. & LEBLANC, J. Toxicomanias: uma visão multidisciplinar. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.
- BUCHER, R. org. As drogas e a vida: uma abordagem biopsicossocial. São Paulo, Pedagógica e Universitária, 1988.
- BRUSCHINI, C. & RIDENTI, S. Família, casa e trabalho. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, (88): 30-6, 1994.
- CALANCA, A.. A toxicomania entre doença e delinquência . In: Bergetet, J. & LEBLANC, J. Toxicomanias: uma visão multidisciplinar. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.p.55-61.
- CARLINI, E. A.; GALDURÓZ, J. C. F.; NOTO, A. R.; NAPPO, S. A. Revisão - perfil de uso da cocaína no Brasil. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 44 (6): 287-303, 1995.
- CARLINI, E.A.; NAPPO, S.A.; GALDURÓZ, J.C. A cocaína no Brasil ao longo dos últimos anos . Revista ABP-APAL, 15 (4): 121-7, 1993.
- CARNEIRO, M.J. A desagradável família de Nelson Rodrigues. In: Figueira, S. Uma nova família? Rio de Janeiro, Zahar, 1986. p.69-82.
- COTRIM, B.C. O consumo de substâncias psicotrópicas por estudantes secundários: o Brasil frente à situação internacional. Revista ABP-APAL, 13 (3): 112- 6, 1991.
- ENGELS, F. A origem da família, da propriedade privada e do estado. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.

- ERIKSON, E. H. Infância e sociedade. 2ª ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- FENICHEL, O. Teoria psicanalítica de las neuroses. Buenos Aires, Paidon, 1964.
- FIGUEIRA, S. A. Uma nova família. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.
- FREUD, S. Esboço de Psicanálise. Rio de Janeiro, Imago, 1975. v.XXIII.
- GOLDANI, A. As famílias brasileiras: mudanças e perspectivas. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, (91): 7-22, 1994.
- GROTBERG, E. H. Promoting resilience in children. A new approach. Birmingham, University of Alabama. Civitam International Research Center, 1995.
- HERZLICH, C. A problemática da representação social e sua utilidade no campo da doença. Revista Physis, 1 (2): 23-36, 1991.
- HERZLICH, C. Santé et maladie: analyse d'une représentation sociale. 2ème ed., Mouton, École Pratique des Hautes Études, 1975.
- JERVIS, G. La ideologia de la droga y la cuestion de las drogas ligeras. Barcelona, Anagrama, 1977.
- KAES, R. Image de la culture chez les ouvriers français. Paris, Cujas, 1968.
- KALINA, E. & KOVADLOFF, S. Drogadicção, indivíduo, família e sociedade. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.
- KALINA, E. Drogadicção II. São Paulo, Francisco Alves, 1988.
- LAING, R. D. A política da família. São Paulo, Martins Fontes, 1983.
- MACEDO, R. M. A família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer?. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, (91): 62-8, 1994.
- MALRIEU, P. Lenguaje y representacion in: La Genesis del Lenguaje. Varios autores. Tradução Guilherme Fener - Pablo del Rio- Madrid- 1977.
- MANSUR, J. O que é toxicomania. São Paulo, Brasiliense, 1985.

- MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo, Hucitec / ABRASCO, 1992.
- MORAES, M.L.Q. Infância e cidadania. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, (91): 23-9, 1994.
- MOSCOVICI, S. Representação social da psicanálise, Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- NAPPO, S. A.; GALDURÓZ, J. C.; NOTO, A.. Uso do crack em São Paulo: fenômeno emergente ? Revista ABL-APAL, 16 (2): 75-83, 1994.
- ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. Comité de Expertos de la OMS en Farmacodependencia, Ginebra, 1973. 20º informe. Ginebra, 1974. (OMS- Série de Informes Técnicos, 551).
- POSTER, M. Teoria crítica da família. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- PRADO, D. O que é família. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- SALEM, T. O velho e o novo: um estudo de papéis e conflitos familiares. Petrópolis, Vozes, 1980.
- SIQUEIRA, A.,org. Planilha para operacionalização do estatuto da criança e do adolescente. São Paulo, Centro de estudos do crescimento e desenvolvimento do ser humano, 1993.
- SONENREICH, C. Contribuições para o estudo da etiologia do alcoolismo. São Paulo, Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1971.
- SPINK, M. J. P. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. Cadernos de Saúde Pública. 9 (3): 300-8, 1993.

9. ANEXO 1.

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1. O que vem à sua cabeça quando falo a palavra "família"?
2. E o que isto tem a ver com a sua família?
3. E foi sempre assim?
4. O que você acha que uma família deve fazer, quando percebe que o adolescente está usando drogas?
5. O que fez a sua família quando percebeu que você estava usando drogas?

10. ANEXO 2.

ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1 - J. 1, 21 ANOS

P. : O que vem à sua cabeça quando falo a palavra família?

R. : Afeição. Mãe, pai, irmãos, núcleo familiar.

Carinho pelos meus familiares; pela minha mãe porque eu não tenho pai, ele é falecido, era um alcoólatra.

Eu gostava muito dele, apesar da bebedeira; era muito ignorante, ele chegava batendo; mas eu gostava muito de todo mundo.

Eu tenho um caso, que é droga, estou aqui por causa de droga. Eu não sou alcoólatra mas tenho que evitar o primeiro gole porque, se beber, já me estimula, eu fico descontrolado, encontro um rapaz que já é da ativa, ele faz minha cabeça. Eu tenho que controlar meus hábitos. Eu tenho uma co-dependência, herança que meu pai deixou pra gente, uma pré-disposição a respeito da droga.

P. : E isso que você falou tem algo a ver com sua família?

R. : Também. E isto representa a minha família. Está ligado bastante a isso aí, pré-disposição.

Meu pai é falecido há 8 anos. Minha família tem muito problema. Tenho um irmão que é homossexual, ele admitiu isso agora. Nós tínhamos algumas dúvidas a respeito dele mas ninguém falava nada. Aí, ele teve um problema com droga, depois de 30 anos de idade, conheceu uma tuma e começou a usar cocaína. Tenho outro irmão, que começou a usar junto comigo; só que ele parou de usar, ele não tinha essa pré-disposição; e eu fiquei usando.

Da maconha passei para a farinha, cocaína, depois para o crack. E tem outro irmão meu que usou, só que conseguiu controlar, ele tam-

bém não usa mais, ele tinha a cabeça dele no lugar e eu não, deixei a droga tomar conta da minha cabeça, perdi tudo o que tinha.

Comecei a usar drogas com 18 anos, a maconha; depois, fui para a cocaína e logo conheci o crack; perdi tudo o que tinha.

Eu trabalhava num serviço, Nadir Figueiredo; trabalhei três meses e saí fora. Trabalhava à noite e era tanta a "fissura" de usar que eu saí da firma.

Então comecei a trabalhar na feira e era outro motivo pra mim usar porque recebia por dia e, com o dinheiro que recebia, eu dava tudo. Sempre gostei de andar bem arrumado, com roupa de marca. Então comecei a dar minha roupa, tudo, e quando minha roupa acabou comecei a dar roupas de meus irmãos, pegar coisas de casa. O crack domina a mente da pessoa, né meu; a partir do momento que usou a primeira pedra, você desanda, você dá tudo o que tem; é arriscado você vender sua casa.

Eu moro com minha mãe e seis irmãos.

O meu irmão, que é homossexual, parou mas está bebendo; pode vir a voltar a usar. Eu não sou ninguém para dar conselho para ele, né meu. Ele é o mais velho de todos os filhos.

Como meu pai era um alcoólatra, meu irmão que tomava conta de nós quando éramos pequenos.

Eu achei estranho quando ele falou que ia se internar porque eu não me considerava um viciado, estava numa negação, é o primeiro passo. O primeiro passo é quando admitimos que perdemos o controle da nossa vida. Eu não admitia esse primeiro passo.

E quando ele falou que iria ser internado, eu pensei que era por alguma coisa dele; aí ele falou que era cocaína. Aquilo marcou bastante para mim, meu irmão, depois de 30 e poucos anos... E acabou com ele a cocaína; ele era caixa no Banespa e estourou conta, estourou cartão, mandou um monte de cheque sem fundo... Ele tinha um Monza 87 e o

gerente do banco queria que ele vendesse para pagar a conta que devia ao banco.

Foi quando ele viu que estava numa situação ruim; foi numa psicóloga e ficou internado um mês, no Bezerra. Então ele voltou bem. Lá ele abriu o jogo que era homossexual; em casa ele não tinha aberto o jogo. Ele abriu o jogo na terapia em grupo, lá no Bezerra. Só minha mãe contou para nós e todo mundo ficou naquela... "o que eu vou falar com o pessoal da rua...", "como vai ser o modo dele agir agora..." Os irmãos ficaram uns com raiva, outros com remorso.

Minha mãe ia trabalhar e meu pai ficava bebendo pinga; ele bebia de segunda a segunda. E o meu irmão tomava conta da gente, ele era nosso pai. Ele é muito importante para nós.

Meu pai nunca me ralou a mão; não sei se porque eu era o filho caçula, era mais apegado a ele. Ele nunca ralou a mão em mim, nem na minha irmã, mas o resto...

Ele chegava em casa bêbado. O pessoal falava alguma coisa na rua, a vizinhança já falava que eram os filhos do Arnaldo; nós éramos o motivo porque éramos molequinhos largados. Ele chegava alcoolizado e não queria nem saber, nem perguntava o que tinha acontecido; mandava eu e minha irmã sair da casa e colocava o resto no quarto. Já chegava e batia, mas batia com tal ignorância, catava no cabelo, batia na parede. Eu tenho uma irmã que sofreu bastante; ela fugiu várias vezes. Ele catava ela pelos cabelos e batia a cabeça dela na parede.

Quando minha mãe estava em casa, várias vezes meu pai chegava agredindo ela, meu irmão mais velho sempre se intrometia. Teve um caso que me marcou bastante; meu pai foi bater nos meus irmãos, minha mãe entrou no meio; nisso, meu pai estava com uma faca na cintura e ninguém sabia. Ele puxou a faca e falou que ia sangrar uns que chegassem perto dele. Eu comecei a chorar quando vi aquela faca. Então meu irmão foi acalmá-lo, o que é homossexual, e meu pai atingiu-o no

braço, cortou o braço dele. Eu tinha uns 7 anos, vi aquilo e nem acreditava no que meu pai tinha feito. Meu pai viu o braço dele cortado e começou a gritar, colocou a faca no chão e saiu correndo. Minha mãe pegou a gente e fomos dormir na casa da minha tia, com medo do meu pai vir à noite mais alcoolizado e fazer uma loucura. Quando ele bebia, falava que ia matar um, perdia o controle da vida dele totalmente.

Ele nunca me ralou a mão, eu via sempre as brigas, tinha muito medo dele. Quando eu via ele descendo a rua, eu corria para me esconder, eu e meu outro irmão. Tinha que deixar a casa arrumada, se não estivesse arrumadinha e a comida quente, ele virava tudo, virava panela, quebrava tudo.

Eu tinha uma relação boa com a minha mãe, sempre a respeitei, admiro bastante minha mãe, ela é uma mulher sofredora e nunca me abandonou. Quando eu estava na droga, pensei em ir embora de casa, ela não deixou. Eu vi várias mães de companheiros meus que estão aqui não aguentar. Porque ela não estava me aguentando mais, eu cheguei num ponto que levava tudo de casa com a droga. Ela via que eu estava naquela situação ruim.

Chegou um dia que meus irmãos me pegaram usando drogas, fumando maconha; me levaram para casa e começaram a falar "um monte" para mim, mas para me ajudar. Eu levei para outro lado, falei que ninguém gostava de mim, peguei minhas roupas, chorando, e ia embora. Minha mãe me pegou no braço, começou a chorar e falar para mim não ir embora e isso me marcou muito. Mas meus irmãos sempre jogaram na minha cara que eu era um viciado, um vagabundo, e isso parecia que era uma coisa para mim usar; eu ficava super sentido, falava: "Vou parar, vou parar... Só que parar sozinho você não consegue."

Eu era o mimado, o caçula da família. Meu pai sempre brincava comigo, me levava pro bar, me enchia de bala, eu gostava disso aí. Eu gostava muito dele.

P. : O que você acha que uma família deve fazer quando percebe que o adolescente está usando drogas?

R. : Ajudar, dar apoio para o doente, porque é um doente e, se não tiver apoio, vai se afundar mais e mais.

P. : O que sua família fez?

R. : Me deu apoio. Minha mãe queria me internar, só que na época eu não queria. Eu não me considerava um viciado, mas eu era um viciado. Eu manipulava eu mesmo, falava que usava dois dias sim um não, que controlava meu vício. Isso era mentira, não conseguia controlar meu vício. Quando ficava dois dias sem fumar crack, eu fumava maco-nha ou cheirava farinha; aí dava na mesma, estava usando ou, de vez em quando, bebendo.

O apoio seria conversar com ele, explicar que não está certo, seria uma internação. Uma pressão familiar seria bom.

ENTREVISTA 2 - R. 1, 19 ANOS

P. : O que vem à sua cabeça quando falo a palavra família?

R. : União, bem estar acompanhado.

P. : E isso tem a ver com sua família?

R. : Tem; minha família é normal, como todas, assim entre aspas; errado fui eu de ter começado com a maconha e estou nessa. E isso quebrou um pouco, né, meu pai não tinha mais confiança em mim e no meu irmão, a partir que ele descobriu que eu fumava maconha, quebrou um pouco as coisas em casa.

A gente sempre foi bem de vida, nunca me faltou nada, sempre estive nas melhores escolas, tinha sempre a mãe do lado para tudo. Era bem unida, era uma família mesmo, era a família que eu sonhava.

P. : O que você acha que uma família deve fazer, quando percebe que o adolescente está usando drogas?

R. : Conversar, explicar e não reprimir: que foi o que aconteceu comigo, fui reprimido, desafiei meu pai.

Não deixava se expressar, se explicar, mostrar o que que é. Porque pai tem um pensamento; a maioria deles acha que droga é coisa de bandido, e é uma coisa que eu pensava até conhecer, mas eu nunca passei da maconha. Sou esportista, faço alpinismo. Só que é duro para um pai aceitar que o filho fuma maconha. Acho que mesmo eu, se fosse um pai, não aceitaria meu filho fumar maconha.

E tem que saber, ter jogo de cintura com o filho para educar bem e explicar isso para ele. E não falar: tem que ser assim por ordem.

Quando soube que a gente usava droga ele apavorou; é o fim do mundo. Ele achou que tudo estava acabado.

Só que uma das melhores coisas que ele fez foi me por aqui, porque eu também não tinha essa visão que estou tendo aqui dentro.

Só que se for no início, não precisa ser internado, basta um diálogo e mostrar. É bom pegar o filho que fuma maconha, que está iniciando

do, e levar para conhecer esses lugares, e não internar; só conhecer e ver aonde isso pode levar. Quando eu cheguei aqui eu tive o maior susto, entendeu. Aqui, na clínica, eu sou o caso mais leve de internação, eu e meu irmão. Quando vi isso falei: "Ô pai, aqui não é meu lugar, aqui só tem gente cheirando cocaína, que fuma crack, bebe, sabe, gente que tentou o suicídio...nunca me passou isso pela cabeça..." É bom mostrar essas coisas, acho que se meu pai tivesse me mostrado isso eu teria parado.

Em casa, somos em quatro filhos, eu sou o segundo. Meu pai sempre me deu de tudo, eu tinha de tudo. Ele sempre foi muito jóia comigo, era meu herói; depois começou a quebrar, chegou um ponto da gente nem se falar mais bom dia (isso de uns três meses pra cá) quando ele descobriu, no meu quarto, um baseado, ele viu que eu fumava de verdade.

Com minha mãe, eu nunca tive problema. Eu falei pra ela que eu fumava; ela ficou apavorada, só que ela entendeu mais que meu pai. Só que ela é mais fácil também de se levar, meu pai é mais durão, minha mãe é mais facilitadora; pra conseguir as coisas é mais fácil com minha mãe.

ENTREVISTA 3 - R. 2, 21 ANOS

P. : Como é sua família?

R. : Minha família é... mora eu, minha mãe, minha tia, meu tio e duas primas minhas. Meu pai é separado da minha mãe.

P. : Você acha que sua família é uma família mesmo? Por que?

R. : Minha família sempre me ajudou muito; minha mãe e minhas tias; meu pai não, não se interessa muito, tem outra mulher, tem a vida dele.

Então, quem me educou foi minha mãe, fez tudo. São separados desde quando tinha cinco anos de idade. Então, ela sempre me acompanhou, sempre me deu de tudo.

Estudei no Objetivo, me levava pra passear. Tive oportunidade de ir para a Europa, viajar. Só que eu sentia falta de meu pai. Eu ia todo fim de semana para casa dele, de pequeno. Mas era só festa. Sentia falta de um pai para conselhos.

O meu tio tentava substituir o pai; ele mora comigo; hoje considero ele como meu pai; ele que acompanhou meu crescimento, me deu uns toques; o que tenho que fazer, o que eu não tenho, me pegava na escola, era reunião de pais e mestres.

Todos os meus amigos tinham mãe e pai. Eu era só eu e minha mãe. Fazia falta a presença dele em casa, mesmo tendo um tio. Mas, mesmo assim nunca me faltou nada. Mas eu queria um pai, como todo mundo. Um pai e uma mãe.

P. : Como é composta sua família? Tem irmãos?

R. : Sou filho único. Tinha um irmão que faleceu de bebezinho; 11 meses. Eu tinha 16 anos de idade. E esse filho foi com meu pai, porque eles saíam de vez em quando. Até hoje eles têm um relacionamento bom.

Meu pai é casado com outra mulher, mas minha mãe não esqueceu dele. Agora ela está se relacionando com outra pessoa; até tô dan-

do a maior força pra ela. Ela pensava que eu ia ficar assim...ela até escondia. Mas sei lá, graças a essa programação aí, eu entendo que cada um tem que viver sua vida; então ela vive a dela e eu vivo a minha.

P. : Explique o relacionamento com sua mãe.

R. : Somos até hoje bastante ligados. Morava eu, ela e minha avó. Aí, minha vó faleceu; e aí, minha outra tia separou; aí, ela veio pra casa morar; aí, veio meu tio, minha tia e as duas primas. Aí, a gente fez um sobrado, mora em cima eu, minha mãe e meu tio e embaixo mora minha tia e minhas primas.

Quando eu era menor de idade, sentia falta de meu pai; os amigos tiravam barato; diziam que não tinha pai e eu ficava chateado.

P. : Como sua família reagiu ao seu problema (uso de drogas)?

R. : Minha mãe, uma vez achou a droga em casa. Aí, passou mal, desmaiou, chorou, mas me apoiou. Porque minha mãe sabia que estava usando.

Aí, depois disso, comecei usar direto droga. Então, ela sempre me via assim. Eu usava droga na rua. Nunca usei na frente de minha mãe, mas dava para perceber que eu estava alterado. Então, ela me via mas não queria aceitar. Para ela, podia acontecer com qualquer um, menos comigo.

Ela não conseguia transmitir para mim, falar alguma coisa. Fingia como se não tivesse acontecendo nada. Eu pensava que ela não percebia, mas ela percebia. Quando ela achou a primeira vez a droga, eu falei que não era meu, que estava guardando para um amigo meu. Acho que ela não acreditou muito; aí, eu comecei a usar direto. No ato, ela me levou num psicólogo; comprou uma série de livros para eu ler, mas eu não li porque não estava preocupado em parar de usar. Aí, ela me policiava, tipo, minhas amizades ela cortava, falava que eu não estava, mas eu sempre dava um jeito e usava. Aí, eu vinha para casa usado e ela via que eu estava mas ela não falava. Não sei se ela tinha medo de falar al-

guma coisa, pra mim; ela não queria aceitar, mas ela tava sofrendo muito.

P. : Como a sua família tem a ver com seu problema?

R. : Antes eu achava por causa de meu pai. Eu falava: meu pai não liga para mim; então, eu vou usar mesmo. A culpa era do meu pai, não era minha.

P. : Alguém em sua família usa droga?

R. : Não, meu pai nunca usou droga. Meu pai é alcoólatra.

P. : Como foi sua experiência com drogas?

R. : A droga me deixava legal, alegre. Usava maconha. Me deixava social, eu dava risada.

Timidez é orgulho, estou trabalhando isso na terapia. Me trato desde pequeno; eu era rebelde, minha mãe sentia. Estudei em colégio de padre. Eu usava em fim de semana, uma vez ou outra; no começo, usava em fim de semana, numa festinha. Aí, eu ficava mais à vontade. Foi passando o tempo, e eu comecei a comprar maconha. Aí, eu já tava dependente. Usando a droga me formei, acabei o colegial, e trabalhando eu usava maconha. Aí, comecei a usar cocaína; aí, foi o fim. É muito forte essa droga. Não é igual à maconha, porque a maconha você satisfaz com um ou dois cigarros. Mas a cocaína não, quanto mais você usa mais você quer usar porque quando passa o efeito vem aquela paranóia; depressão, vontade de usar mais. É nessa aí que você larga tudo, larga o emprego. Você só vive para usar a droga e usa pra viver. Você não tem vontade de fazer mais nada. Então, eu tava dominado pela droga. A maconha também tinha me dominado mas ela não me fazia tão mal. Faz mal, mas ela me deixava estudar, trabalhar.

Me sentia auto-suficiente, o bom, usando droga. Sem ela me sentia inadequado, por causa da minha cor, entrava numas. Eu tinha barulhos na cabeça, era tímido.

P. : Com quem compartilhava suas preocupações?

R. : Era a droga que me consolava. Eu usava e não tava nem aí. Com a droga, tinha vários amigos. Aqueles amigos entre aspas.

Minha família sempre apoiou, mas eu ficava deslocado em casa. Já não tava conversando com mais ninguém, com minha mãe. Nunca desrespeitei minha mãe, nunca agredi minha mãe, mas eu não falava mais com ela, evitava; quando ela chegava, eu saía.

P. : Como foi sua internação?

R. : Eu pedi pra eu ir. Porque a última vez que eu saí, eu fiquei dois dias fora de casa. Aí eu cheguei e ela ficou do mesmo jeito de quando ela achou a droga. Porque minha mãe tem problema de pressão e ela já tem uma idade, tem 42 anos. E ela nunca me dava uma dura. Porque eu tava querendo parar há muito tempo mas eu não conseguia. Precisava de alguém que me falasse . Porque eu usava droga, ficava em casa drogado, tipo esperando que alguém viesse me falar. Pra me falar o que tá pegando. Só que não acontecia nada.

Aí, nesse dia, meu tio tava em casa. Aí ele falou um monte. Falou: se olha no espelho. Eu tava magro, pesando 63 kg. Aí ele falou: se olha no espelho, ó como você está; você tá matando sua mãe, tá se matando; aí foi que me abriu a cabeça.

Minha mãe não conseguia falar. Ela sabia, comentava com os outros, comigo não. Aí, esse dia eu tomei a decisão. Pedi ajuda para meu tio. Eu tenho 21 anos. Comecei a usar maconha com 15 e cocaína com 19.

Aí, foi nessa aí que eu pedi pra ele. Porque eu não conseguia. Eu queria parar. Porque eu usava, só tinha depressão, entendeu?. Já não estava mais dando aquela euforia que dá cocaína. Você fica falante, agitado, eu não.

P. : O que aprendeu com o tratamento?

R. : O adicto é muito sensível. Qualquer coisinha faz a maior tragédia. Então, eu tava alegre, eu usava; eu tava triste, eu usava; alguma coisa não dava certo, eu usava.

Você vê que não tá sozinho, que não precisa da droga.

P. : Fale um pouco mais de sua história passada.

R. : Sempre fui filho único; então, de pequenininho, minha mãe me levava para qualquer lugar que ela ia. Muito carinho ela me deu. Ela que segurou todo rojão.

P. : Quem era o rojão?

R. : Eu. Porque meu pai saiu fora. Ficou eu; ela quem cuidou de mim. Era uma barra cuidar sozinha. Ela cuidou, me educou, me deu estudo.

Eu vim pará aqui mais por causa dela, e por causa de mim. Porque estava matando minha mãe de desgosto. Sofrimento.

Eu gosto muito dela e ela não merece. E agora está bem, nosso relacionamento voltou.

P. : Sua mãe sofreu com seu pai?

R. : Sofreu, porque meu pai...ela passou dificuldades, estudava em colégio pago e ela entrou na justiça pra ele dar pensão. Ele não queria. Nisso, eu ficava com raiva, muita raiva dele. Tudo o que meu pai dá hoje foi por causa da justiça. Eu deixo dinheiro para minha mãe. Não gosto de pedir nada pra meu pai; nem para usar droga eu pedia.

P. : Como é sua mãe?

R. : É pessoa alegre. Ela não fica se martirizando por causa disso. Ela não parou a vida dela por causa de meu pai. Tem a vidinha dela, ela sai. Agora ela está se relacionando. O cara aí que eu nem sei quem é; nem quero saber: o problema é dela. Não tenho que dar palpite nenhum na vida dela. A parte dela ela já fez. Ela é uma pessoa muito boa. E ela sente falta, eu sinto que ela sente falta de um companheiro. Todo mundo precisa de alguém. Mas agora, graças a Deus, ela está indo nas

reuniões para familiares de dependentes - porque a gente deixa a pessoa, a família, mais doente que a gente. É preocupação demais. Só apronta, só apronta, então a família fica que...a minha mãe não podia escutar a sirene que ela já pensava que eu estava sendo preso.

P. : Você se sentia diferente?

R. : Me sentia diferente. Os caras faziam brincadeirinhas que eu não tinha pai, não sei o que, bastardo. E me pegava, né meu, eu era bobinho. Aí, eu comecei a fazer terapia, porque eu falava pra minha mãe isso aí. Falava pra ela que eu queria meu pai.

P. : Qual a profissão de sua mãe?

R. : Trabalha em recursos humanos, área RH. Então ela tem contato. Minha mãe é pessoa estudada. E ela sabe lidar com as pessoas. Ela compreende as pessoas; é pessoa muito boa, então ela ajuda bastante as pessoas. E eu então, tá louco, o que ela me ajuda é brincadeira.

ENTREVISTA 4 - J. 2, 14 ANOS

P. : O que vem à sua cabeça quando falo a palavra família?

R. : Uma tristeza, raiva, desespero, essas coisas... Na minha família, eu ficava num canto, ninguém ligava para mim.

Meu pai é alcoólatra, meu avô morreu de cirrose; minha mãe também, de vez em quando, bebe.

Tenho dois irmãos.

Eu sou sozinho, largado num canto. Moro com minha avó, minha mãe e com meus irmãos. Minha mãe se separou de meu pai.

Eu fico sozinho em casa. Sou o filho do meio. Meus pais são separados há três ou quatro anos. Quando eu chegava da escola, meu pai me batia, estava alcoolizado.

P. : E foi sempre assim?

R. : Agora está melhorando. Eu vim para cá. Eu não tinha diálogo na minha casa. Várias outras famílias são bastante unidas. Agora, a minha, tem desunião total. Minha mãe não falava com meu pai, meus irmãos não falam com minha mãe. Eu tirava dúvidas com amigos de confiança. Quando pequeno, falava com meu avô paterno, tirava dúvidas com ele.

Meu pai trabalhava de segurança. Minha mãe trabalhava em escritório, na Eletropaulo. Minha mãe trabalhava e chegava à noite; meu pai trabalhava à noite. Meu avô me buscava na escolinha.

Comecei a usar drogas com 12 anos - a maconha - com amigos.

P. : O que acha que uma família deve fazer quando percebe que o adolescente está usando drogas?

R. : Acho que deve dar força, conversar com ele para ver se quer se tratar.

P. : O que fez sua família?

R. : Eu é quem contei que estava usando drogas; eles notavam que estava estranho mas não desconfiavam. Mas meu padrinho sabia;

mas não quis contar para minha mãe porque ela tem problema no coração; minha avó também.

Quando contei, minha mãe e minha avó ficaram desesperadas. Aí, minha mãe chegou a ir para o hospital, ela tem problema de coração, não pode passar nervoso. Conversou com a assistente social e eu fui falar com ela. Minha mãe ficou desesperada, falou comigo.

Meu pai eu não vejo. Minha mãe é mais atenciosa com meus irmãos. Meu pai batia muito, por qualquer coisa que eu fizesse de errado; ficava bêbado todo dia. Eu sou o único filho que trabalha. Eu era a ovelha negra, levava culpa pelas coisas erradas dos meus irmãos.

ENTREVISTA 5 - M. 1, 20 ANOS

P. : Como é sua família?

R. : Como assim? Bem... É uma família pobre. Moro na zona leste, Ponte Rosa. Só eu de casa que trabalho. Sou o mais velho. Eu era casado (amigado); separei; agora, estou morando com minha mãe.

Nossa família é pobrezinha, mas dá para viver. Moro no quintal de minha avó. Tem três cômodos, construímos. Somos em sete irmãos; eu sou o mais velho. Por enquanto, estou na casa da minha mãe. Quero arrumar minhas coisas e chegar nela e falar que não dá mais, fazer minha vida sozinho.

Trabalho na Eletropaulo. Por enquanto, estou dando uma ajuda pra minha mãe - cesta básica. Dou muita força pro meu pai. Estou levando a vida aos poucos; pouco a pouco estou engatinhando, vê se consigo ter as coisas melhor.

P. : Como a sua família tem a ver com seu problema? (drogas).

R. : Acho que não tem relação. Quando eu era pequeno, minha mãe me dava carinho. Meu pai era bem difícil, dava mais carinho pra minha irmã (que tem 23 anos - é a mais velha de todos). Eu tenho 20, sou o mais velho dos homens.

Só carrego um pouco de mágoa do meu pai; quando era pequeno meu pai batia; pensava que eu era o culpado; a minha irmã fazia coisa errada e ele descontava em mim; eu era o mais velho dos meninos; ele batia mais em mim. Com 9 anos, já comecei a catar ferro velho na rua; ele tinha uma carroça e nós íamos junto com ele.

Dos 9 aos 20 anos, minha vida foi sofrendo, sofrendo aos poucos. Levantava de madrugada. Com 11 anos, já estava na padaria de madrugada, entregava pão. Antes disso, trabalhei no ferro velho; depois, comecei a vender sorvete na rua. Arrumei serviço na feira de verdura; trabalhava no lava rápido; depois fiz um carrinho de feira e trabalhava na feira como carregador.

Tinha 10 anos quando trabalhava na feira e um rapaz me chamou pra roubar com ele. Eu estava tomando conta na feira de uma perua e ele me chamou pra roubar; ameaçou com arma. Era moleque e fiquei com medo. Ele puxou a arma pra mim e eu fiquei com medo. Ele falou: - "Se não roubá junto comigo vou te matar".

Eu não tinha experiência nenhuma, fiquei com medo. Falei: - "Você não vai levar". Ele me deu um chute e puxou a arma pra mim. Eu saí correndo, ele deu um tiro. Graças a Deus não pegou. No corre-corre, eu falei pro cara; ele veio correndo e a perua tava lá; conseguiu levar.

O cara me deu o dinheiro e levou até metade do caminho. Aí, eu falei pra minha mãe que nunca mais ia trabalhar na feira, que o cara quase me matou.

Aí, arrumei serviço na padaria; acordava 4 hs. da manhã; ia entregar leite e pão. Isso eu tinha 10 anos. Desde pequeno sempre trabalhando.

P. : Como foi o início do uso de drogas?

R. : Comecei a usar droga quando meu pai começou a beber. Também tinha uns primos que usavam, uns primos que morreram. Quando completei 12 anos, minha tia convidou para passar uma semana, nas férias, na casa dela. Aí eu vim passear e tinha uns primos que usavam drogas, e, quando vi a primeira vez que meu tio puxou as drogas (a maconha) eu olhei as armas e meu tio falou - "aqui você não coloca a mão". Eu sabia o que era aquele cheiro. Aí eu vi os cara fumando perto de mim. Aí comecei a ir em ponto de favela com meu tio, com 12 anos.

Meu pai bebia, parou de beber. Já vem de família: meu pai bebia, meu avô e meu tio também.

Aí, passei uma semana na casa da minha tia e vi meus primos fumando, minha tia fumando. Meu pai mexia, mas quando casou com minha mãe ele parou. O que ele bebia mais era álcool.

Aí, quando cheguei em casa, depois que passei uma semana, meu pai estava bêbado. Aí não sei porque foi que ele se invocou comigo e com meu irmão, porque ele queria bater na minha mãe, e nós não deixamos.

Aí, depois, bateu na minha mãe, eu fui, separei e meu pai me bateu. Me bateu com cabo de vassoura. Ele bebia e queria dar uma de valente em casa; batia em todo mundo. Minha irmã era o xodó pra ele, nela ele não ralava a mão.

Teve um dia, quando completei meus 13 anos; trabalhando, machucado, ele batia em mim (ele até esqueceu mas eu não esqueci não). Teve um dia que ele chegou em mim e falou: "O que foi que você não conversa mais com o pai, você é difícil de conversar". Falei: "Ó pai, você não dá carinho pra mim, você não dá o carinho que você dava, que você dá pra minha irmã".

Minha irmã ia trabalhar com ele; todo final de semana ela pedia coisa pra ele e ele dava (vestido) uma coisa pra ela. Quando eu ia trabalhar com ele, não me dava nada.

Aos 12 anos, conheci a droga. Aos 13, fiquei sabendo que meu primo morreu, mataram ele; mataram meus dois primos que também não prestavam e aí, com 13 anos, comecei enfeitar ponto de favela, joga bola. Comecei ficá.

Com 13 anos, na época do lança perfume, ia pra escola, eu e uns colega meu cheirando; deu pra mim, gostei. Usei uma semana mais ou menos.

Com 14 anos, comecei conhecer as drogas mais pesadas (a farinha). Teve um dia que meu tio me chamou pra sair com ele e eu fui. Levou um saquinho branco, e eu vi, na casa de um colega dele. Quando voltamos, nós paramos no campo. Aí ele falou: - "Você desce e eu vou ficar aqui dentro". Aí eu vi os caras com prato e gilete e eu falei: - "Os caras vão se matar" - eu não sabia o que era isso. Aí eu vi um negócio

branco mas nem liguei. Aí saí do carro. Aí fiquei assistindo no campo. Vi os caras fumando. Aí, já sabia que os caras estavam fumando maconha.

ENTREVISTA 6 - S., 21 ANOS

P. : O que vem à sua cabeça quando falo a palavra família?

R. : Família...Pai, mãe, sobrinho...é isso.

P. : Isso tem a ver com a sua família?

R. : Tem. Eu gosto muito da minha família. Eu perdi muitos anos da minha vida; tenho 21 anos, e tenho 7 anos de uso de cocaína, e durante esses 7 anos eu me afastei muito da minha família. Ainda ontem, no telefone, quando falei com meu pai que o amava, ele caiu num choro, que fazia muito tempo que não falava isso. Eu estou me apegando à minha família, novamente.

Você tem dois mundos, o mundo da droga e o da realidade, uma televisão colorida e a preto e branco. Colorida quando você vê está drogado, então você nunca vê preto e branco, é sempre colorido. E quando você vê preto e branco você começa a crescer. A minha família é maravilhosa, não tenho nada pra falar contra.

P. : E foi sempre assim?

R. : Não, meu pai teve uma amante, 10 anos mais nova do que minha mãe; eu tinha 14 anos, e começaram as brigas, querer se separar. Minha mãe foi parar na psicóloga. Minha irmã namorava, saiu de casa, com o namorado. E eu ficava em casa chorando, porque eu não queria que meus pais se separassem; eles não se separaram, mas eu ficava em casa desesperado. Daí, comecei a cheirar cola, beber os whiskies do meu pai, e comecei minha dependência química a partir daí. Tenho pré-disposição, aprendi aqui.

Eu sou doente, alcoólatra, dependente químico. Podia ser que ficasse morto em mim mas podia ser também que daqui a uns anos viesse se manifestar. Eu não culpo ninguém por isso.

Sou eu e minha irmã. Minha irmã é psicóloga. Minha mãe não trabalhava quando eu era pequeno. Hoje em dia, ela é promotora e meu pai é advogado.

Depois da fase de ameaça de separação, eles voltaram e eu comecei a desenvolver uma dependência, comecei a gostar de me sentir num outro mundo diferente; comecei a cheirar cola, passei pra maconha muito rápido, dei um salto bem grande para a cocaína. Com 17 anos, já cheirava bastante; 18 - 19 -20 direto. Com 20 anos, tive uma convulsão; fui internado, depois de lá tive mais cinco internações, essa é a sexta, e tive mais duas convulsões, surto psicótico. Agredi meu pai, bati no médico, bati nos seguranças que vieram me pegar. E hoje estou fazendo 75 dias limpo.

Eu era muito mais apegado à minha mãe por ela estar em casa do que ao meu pai que ia trabalhar. Depois inverteu; minha mãe começou a trabalhar, se formou em direito; depois de um curso virou promotora e eu ficava com meu pai no escritório; dos 17-18 anos eu ficava no escritório.

Eu tenho uma tendência maior com meu pai por estar mais próximo a ele nos últimos anos. Falo de tudo com meu pai; só não de droga porque tenho vergonha.

P. : O que você acha que uma família deve fazer quando percebe que o adolescente está usando drogas?

R. : Tratar ele, não discriminar ele; ele não tem culpa de estar usando a droga. Nós temos quatro estágios; o primeiro e o segundo de prazer; no terceiro estágio da droga, o cara começa a ter problema, perdas; e no quarto estágio ele está bem perto da morte. Então, identificar se o cara vai ser dependente químico ou não é difícil porque tem gente que entrou na droga e abandonou.

Então dar o máximo de informação pra essa pessoa que está começando é a melhor coisa. Tem que instruir ela e mostrar todo o caminho. Em todas as minhas internações que eu tive, nunca fui instruído ou nada, só reprimido. Tanto pelo meu pai, como também em casa, eu era

pilantra, era marginal, era mau elemento. Agora, sou tratado como um cara digno de confiança de novo.

Mostrar pra pessoa o que que é essa doença, pra ela poder estacionar a doença antes que ela desencadeie uma série de problemas.

O tratamento deve ser de conscientização, não de internação, repressão, colocar a pessoa num psiquiatra, porque o cara é dependente químico, ele não é louco, ele não tem debilidade mental.

P. : O que sua família fez?

R. : Quando ela soube, ela me internou numa clínica psiquiátrica por 10 dias. O cara mais são lá pensava que era Jesus Cristo. Tinha cara que era psicótico, outro tentou se suicidar, era tudo fora do mundo. Você se sentia muito mal lá dentro, porque você sabe que você não é uma pessoa igual àquela.

Os pais devem procurar uma clínica de conscientização, nunca uma de psiquiatria. O psiquiatra também não cura ninguém. Eu tive em três grandes psiquiabras e não resolveram nada. E outra coisa também, a pessoa só pára quando ela quer. Por isso que eu te falo, conscientização.

Conscientizando a pessoa que isso aqui faz mal, que é uma doença incurável, progressiva, primária, multifacetada, de terminação fatal.

ENTREVISTA 7 - M. 2, 20 ANOS

P. : O que vem à sua cabeça quando falo a palavra família?

R. : União. Pai, mãe, filhos. União das pessoas interagindo bem.

P. : Isso que você falou tem algo a ver com a sua família?

R. : Isso é o meu conceito; minha família é unida mas também tem brigas, não é completamente unida necessariamente. Isso que eu falei é mais um conceito geral.

P. : Como é sua família?

R. : A gente tem uma puta união, só que, a partir do momento que meus pais souberam que eu usava droga, daí, houve uma separação, um isolamento individual de cada um, devido eles não aceitarem esse fato.

Moro com meus pais, dois irmãos e uma irmã. Sou o mais velho dos filhos.

P. : O que acha que uma família deve fazer quando percebe que o adolescente está usando drogas?

R. : Dar apoio, orientar; em casos mais graves arrumar uma internação. Mostrar como vai prejudicar a vida, a família e a sociedade.

P. : O que fez sua família quando soube do seu problema?

R. : Eles sabiam há muito tempo; só que, à medida que foi se agravando, chegou um dia que meu pai falou agora basta: "A gente conversa e não dá resultado; então, vai ser internado pra ver se outras pessoas conseguem te explicar o que eu estou tentando."

ENTREVISTA 8 - R. 3, 18 ANOS

P. : O que vem à sua cabeça quando falo a palavra família?

R. : Família para mim, hoje, seria o sentido da união: seriam pessoas que convivem juntas, mas com harmonia, com uma humildade, com compartilhamento; onde cada um fala de si, não tem julgamento, não ter agressividade: saber como lidar com problemas, saber como conviver junto. Como aqui a gente vive, seria um início para saber como conviver com uma família; porque vai ter sempre um que vai te criticar, vai ter um que vai te falar alguma coisa que você não quer e você vai ter que saber como lidar com essas situações.

Eu vejo família como isso: família hoje seria você compartilhar, viver junto, uma união; saber como viver em união. Aprendendo como viver na família, você aprende a viver na sociedade, porque não só na família como na sociedade, você tem que ter mais ou menos a mesma vida (na família você tem um pouco mais de liberdade: com pai, mãe, esposa, filho, mas não muda muito).

Seria saber como viver através da partilha: não de agressões, não de autoritarismo, e sim, de respeito.

Modificar as coisas: em vez de autoritarismo, respeito. São duas palavras diferentes: o autoritarismo impõe, o cara que é respeitado, ele não impõe nada, ele sugere e as pessoas obedecem porque respeitam e não porque ele é autoritário.

P. : E isso que você falou tem algo a ver com sua família?

R. : Não. Minha família sou eu, meu irmão, meu pai e minha mãe. Meu irmão usa droga também; é viciado; ele é mais velho um ano.

Na época que eu usava drogas mais fracas, podemos dizer assim perante ao crack, que seria a cocaína, anfetamina, ácidos (LSD, Mandrix, etc), não tinha muito envolvimento com a família porque quando eu usava ficava calmo, eu ficava me sentindo bem, então eu aceitava tudo, eu era uma pessoa passiva, acabava aceitando o que os outros fala-

vam, eu nem ligava. Quando eu não usava, eu já ficava agressivo, mas eu não ficava agressivo a ponto de agredir fisicamente; eu chegava a ficar agressivo verbalmente. Nos últimos tempos, com o crack, eu já fui ficando diferente, fui ficando mais agressivo, quebrando coisas em casa, brigando com meu pai.

Então, chegou um ponto que, até esse ano eu fui emancipado, fiz 18 anos, meu pai já desligou, já pôs eu fora de casa e falou: "Se quer por bem eu te alugo uma casa, te ajudo a pagar. Mas se quiser por mal, se quiser continuar usando, quiser ficar nesta vida de droga, você vai ficar sozinho, porque eu não quero ver meu filho... Prefiro ver meu filho morto do que ver ele sofrendo. Foi o termo que ele usou.

Então, minha família, hoje em dia, está melhorando, está tendo uma união. E foi bom pra ele, pra mim, ele ter feito isso comigo, não ter facilitado, porque sempre que ele facilitou eu voltei a usar. Nunca fiquei sem usar.

P. : Como foi o início com drogas?

R. : Comecei a usar droga com 8 anos de idade; a maconha; o álcool comecei com 6 anos de idade. Porque, na minha família, eu tenho meu avô, em Sorocaba, que é alcoólatra. Então, quando eu vinha na casa dele, tomava cerveja com ele. E tenho um avô aqui em S. Paulo, pai de minha mãe, que não é alcoólatra, mas toma sempre uma caipirinha de manhã, depois do almoço e uma depois da janta (é o que ele bebe, não bebe mais do que isso, só em Natal, essas coisas, que ele acaba tomando champanhe, um whiskinho). Então, tinha isso mesmo: vai na casa do avô daqui, tinha que tomar um golinho de caipirinha; vai na casa do avô em Sorocaba, tinha que tomar cervejinha com ele.

Aí, comecei a sair com meu pai, com 6 anos nessa época, já tomava licor de menta, ele pagava pra mim uma dose de licor de menta nos restaurantes. Tinha muito de ir em festinhas; nessa época, ia em festinhas; eu já me envolvia com o povo mais velho, sempre achava que

o povo, os pivetinhos, não era comigo, os da minha idade não servia, tinha que andar sempre com mais velhos, pelo fato de meu irmão ser mais velho. Além de tudo, repeti de ano, estou na sétima série este ano. Repeti a primeira e a terceira.

Nasci de sete meses, tenho hiperatividade, isso atrapalhou um pouco a convivência com a família. Quando nasci, não sabiam como lidar com hiperatividade. Foi descoberto agora, faz uns dez anos, como lidar com hiperatividade. Naquela época, da minha infância, não tinha isso; minha mãe não sabia como lidar; então, eu vivia em escolas junto com pessoas normais e eu sempre me achava diferente, não achava que era igual. Às vezes, tinha auto-piedade, achava que era inferior; então, me isolava; tinha vezes que me achava melhor; aí, agredia todo mundo. Todo dia tinha um problema, não sabia como lidar.

Minha mãe sempre trabalhando, ela é médica, meu pai sempre viajando, é engenheiro agrônomo. Então, não tinha um contato com família. À noite, quando se estava junto, os problemas vinham à tona pra minha mãe; então, ela vinha brigar, discutir: por que tinha feito, por que fiz isso, por que não foi à aula, etc. Geralmente, quando estava junto, acabava em discussão. Meu pai é pessoa agressiva.

P. : Como foi a separação de seus pais?

R. : Meus pais se separaram quando eu tinha 8 anos de idade; ficaram uns 3 a 4 meses separados e voltaram. Foi na época da minha hiperatividade, não teve nada a ver com a droga. Foi porque eles não estavam conseguindo lidar nem comigo, nem com meu irmão.

Naquela época, comecei a usar droga: eu já tomava remédio pra minha hiperatividade, como Lorax, para acalmar minha ansiedade, Diazepam porque tinha insônia. Nessa época, tomava com cerveja. Comecei a fumar cigarro com 8 anos, maconha com 9; com 10 anos usava cola de sapateiro e drogas inalantes. Meu irmão começou com drogas

com 14 anos: eu dei a maconha pra ele, aí, começamos a cheirar juntos, a usar cocaína juntos.

Eu sempre tinha aquele preconceito - "Não vou exagerar muito na droga, porque, se meu irmão perceber, ele vai contar pra minha mãe - e vice-versa. Ele falou que já usava antes a cocaína mas a maconha nunca tinha experimentado.

Foi quando mudamos para a região central de Ribeirão; se unimos com uma outra turma, pessoas sem preconceito em relação às drogas, e foi quando os dois se uniram e aí a barra pesou em casa. Meu pai descobriu que eu fumava cigarro.

Quando iniciei, meus pais estavam separados. A justificativa deles, na época, foi, como eu era pequeno, minha mãe falou que queria aprender a fazer conta bancária e meu pai não deixava, então eles estavam se separando só para ela aprender.

Mas foi mais por causa que não estavam conseguindo lidar com as crianças; que era eu e meu irmão, e estavam tendo discussão mútua dos dois; eles estavam brigando direto, porque minha mãe sempre protegia e meu pai sempre agredia verbalmente, fisicamente agredia também, mas era mais devagar (agredia eu e meu irmão).

Como eles não tinham muito diálogo, por exemplo, meu pai me proibia de alguma coisa eu ia lá - "Mãe, pode, pode" - eu ia, fazia, aí, meu pai vinha brigar comigo - "Não, minha mãe deixou" - então acabava em atrito.

Daí, foi quando eles se separaram por um tempo: meu pai teve um caso; minha mãe, nessa época, ficou muito deprimida, isso eu percebi muito. Depois eles voltaram. Aí, foi quando, com 14 anos, eles descobriram que eu usava droga.

Com 13 anos, meu irmão começou a usar comigo; com 14 já descobriu tudo, começaram a descobrir, perceber.

Aí, com 16 anos, o ano passado, tive minha primeira internação, foi no Instituto Souza Novaes, em Campinas. Fui forçado, porque eu tinha problemas com o juiz: meu pai não estava aguentando mais, foi no Juizado de Menores e, ou eu internava, ou ia preso. O juiz fez o mandado.

Fugi do Instituto Souza Novaes, vim pra São Paulo e fui pro Recanto Maria Tereza, forçado. Daí, percebi que estava ruim; fui pro Revi-va (na Vila Mariana) internado.

Voltei pra Ribeirão, pra estudar, voltei bebendo socialmente; quando percebi que não dava pra beber mesmo. Mas foi tarde demais. Detonei, voltei ao crack, passei mal, fiquei ruim.

Quando fiz 18 anos, em maio de 95, tive uma briga feia em casa porque, em abril, pedi ao meu pai pra me internar; fui pro Recanto Maria Tereza; fugi da clínica e voltei pra casa. Aí, quando voltei pra casa, entrei em atrito com meu pai, muito feio: quebrei a janela da casa, quebrei video cassete, aparelho de som, quebrei telefone. Quando ele falou que ia chamar a polícia, eu saquei o revólver, que era do meu irmão, dei dois tiros dentro de casa. Aí, apareceu polícia, agredi policial. Aí, foi quando falei não dá, minha mãe me deu 100 reais pra eu ir embora de casa. Fui pra São José dos Campos. Aí, acabou o dinheiro no mesmo dia, liguei em casa e meu pai me buscou. Passamos em Cotia, peguei minhas coisas, fui pra Ribeirão e fiquei até 15 de maio sem usar, como bêbado seco, com as mesmas atitudes, só que sem usar. Aí, já não estava mais morando com meu pai. Já tinha me emancipado. Aí, falei pra meu pai que a única coisa que queria era mais uma internação; foi quando vim pra cá. Hoje, acho melhor não conviver mais junto, sendo uma família mas não junto com meu pai. Sempre que estou junto com meu pai, como somos os dois agressivos, é difícil um abaixar a bola pro outro.

Quando estava em recuperação e eu abaixava a bola pra ele, ele aproveitava. Ele é dependente do dependente; ele vive a minha vida e

não a dele; por exemplo, quando ele chegava pra mim e falava - Você fez isso errado - eu virava pra ele - Não fui eu - e começava o atrito.

Quando estava em recuperação, eu dizia "tudo bem" e ficava danado da vida porque aceitava, eu não falava nada, não discutia, ia lá e fazia, podia não ter sido eu. Não dá pra morar com ele; tenho dificuldade de relacionamento com ele, temos o mesmo temperamento; então, não bate. Meu pai sempre foi mais explosivo, tem o temperamento agressivo. Minha mãe é mais passiva, já aceita mais, é igual ao meu irmão. Então, eu me dou bem com a minha mãe e minha mãe não se dá bem com meu irmão, e meu irmão se dá bem com meu pai e eu não. Então fica esse triângulo.

Coisas materiais nunca faltaram em casa; sentia falta do lado afetivo, até hoje sinto isso, consequência de eu ter gostado da droga. Quando eu usava droga, sentia que estava sendo afetivamente bem tratado, tinha afetividade, era carinhoso; que eu tinha e recebia carinho. A droga era como se fosse o substituto do meu pai e de minha mãe, a família que eu não tive. Quando usava droga, eu achava que a família era perfeita.

Hoje em dia, em casa, está diferente; como minha mãe tem esse problema de passividade, eles chegaram num acordo. É fácil de você dominar, controlar ela, se chegar: - "Mãe, dá o dinheiro " e explicar qualquer coisa, ela acaba liberando. Se você está errado, você convence ela que você está certo.

A pessoa que tentava me convencer que eu estava errado me batia. Meu pai é autoritário; então, também não inspirava respeito. Meu pai não percebia que estava faltando o carinho, o amor, em casa.

Meu pai é aquela pessoa que segue bem a lei, qualquer coisa ele obedece, por exemplo, ele não libera carta antes dos 18 e nem sem carta. O autoritarismo dele é assim, o que ele pensa está certo: por exemplo, você quer morar em casa, a casa é minha, é isso e aquilo. Ele

não a dele; por exemplo, quando ele chegava pra mim e falava - Você fez isso errado - eu virava pra ele - Não fui eu - e começava o atrito.

Quando estava em recuperação, eu dizia "tudo bem" e ficava danado da vida porque aceitava, eu não falava nada, não discutia, ia lá e fazia, podia não ter sido eu. Não dá pra morar com ele; tenho dificuldade de relacionamento com ele, temos o mesmo temperamento; então, não bate. Meu pai sempre foi mais explosivo, tem o temperamento agressivo. Minha mãe é mais passiva, já aceita mais, é igual ao meu irmão. Então, eu me dou bem com a minha mãe e minha mãe não se dá bem com meu irmão, e meu irmão se dá bem com meu pai e eu não. Então fica esse triângulo.

Coisas materiais nunca faltaram em casa; sentia falta do lado afetivo, até hoje sinto isso, consequência de eu ter gostado da droga. Quando eu usava droga, sentia que estava sendo afetivamente bem tratado, tinha afetividade, era carinhoso; que eu tinha e recebia carinho. A droga era como se fosse o substituto do meu pai e de minha mãe, a família que eu não tive. Quando usava droga, eu achava que a família era perfeita.

Hoje em dia, em casa, está diferente; como minha mãe tem esse problema de passividade, eles chegaram num acordo. É fácil de você dominar, controlar ela, se chegar: - "Mãe, dá o dinheiro " e explicar qualquer coisa, ela acaba liberando. Se você está errado, você convence ela que você está certo.

A pessoa que tentava me convencer que eu estava errado me batia. Meu pai é autoritário; então, também não inspirava respeito. Meu pai não percebia que estava faltando o carinho, o amor, em casa.

Meu pai é aquela pessoa que segue bem a lei, qualquer coisa ele obedece, por exemplo, ele não libera carta antes dos 18 e nem sem carta. O autoritarismo dele é assim, o que ele pensa está certo; por exemplo, você quer morar em casa, a casa é minha, é isso e aquilo. Ele

não chega e põe uma relação, é uma coisa obrigatória e não há uma regra explicada.

Eu não culpo ele porque ele perdeu os pais; a mãe dele morreu quando tinha 8 anos, o pai era alcoólatra e ele foi morar com os avós. Então, meu pai aprendeu a proteger os filhos, proteger dos outros, da sociedade.

Então, eu ia parar na delegacia; ele ia lá e tirava. Ele acreditava se eu falava que devia pra traficante e dava dinheiro; era fácil enganar ele. Por exemplo: eu usava droga, entrava em depressão, falava que devia pra traficante, ele dava dinheiro e eu ia e pegava mais droga e falava que tinha pago o traficante. Meu irmão fez muito isso com ele.

Eu fico meio assim com ele porque meu irmão, como é mais velho, sempre tem as coisas primeiro. Quem sofria as consequências dos atos do meu irmão era eu.

P. : O que você acha que uma família deve fazer quando percebe que o adolescente está usando drogas?

R. : Hoje, eu penso o seguinte: tem que primeiro se informar a respeito da doença do filho pra poder explicar com clareza, pro filho, que é uma doença, que ele não faz isso porque é sem vergonha; que ele precisa se tratar; e, cortar totalmente a facilitação (dar dinheiro, não dar nem cigarro, cortar tudo).

Não foi o que meus pais fizeram. Meu pai, quando descobriu que eu fumava, ele dava dinheiro pra cigarro, para beber e para sair à noite.

A família deve cortar qualquer facilitação (dinheiro, roupa). Por exemplo, se for parar no distrito, deixar. Acompanhar o que está acontecendo mas não chegar e dizer que vai tirar, vai liberar, "ele é meu filho". Acompanhar, porque nem sempre a polícia age certo. As pessoas devem arcar com as consequências: como ele tem idade pra usar, tem pra arcar com as consequências de seus atos.

Eu tive problema com furto e tinha que arcar com as consequências. Meus pais encobriam. Meu pai sabia que eu roubava e falava - "Eu vou te dar dinheiro, vou te levar na bocada, vou pagar a droga e você usa em casa, não quero que você roube". Ele achava que dando dinheiro eu não ia roubar. Ele falava que o problema não era a droga; ele experimentou a maconha na faculdade, mas a droga de preferência dele não era a maconha, era o álcool. Achava que o problema era o fato de eu roubar.

Se eu trabalhasse e sustentasse o meu vício com o trabalho, tudo bem. Ele achava que isso era passageiro; era a idade, o tempo: não queria enxergar.

Quando começou a achar cocaína em casa, ele tem amigo delegado que falou que era cocaína. Ele falava: - "Não é, é talco" - e ia e jogava fora e não falava nada. Eu ia e brigava com meu irmão que tinha sumido cocaína minha.

Minha mãe sempre se isolou dos fatos; meu pai não falava. Quando meu pai achava, ele comentava que eu estava usando droga mas não falava o que era, não falava que tinha achado.

Minha mãe ficava deprimida, chateada, magoada, com vergonha das amigas. Ficava com auto-piedade, se culpando - "Eu médica, trabalho com criança e adolescente, trato de tanta vida e não sei lidar com minha família".

ENTREVISTA 9 - O., 19 ANOS

P. : O que vem à sua cabeça quando se fala a palavra família?

R. : Família.... Ah, vem muitas coisas; uma das coisas que vem é ... complicação. Minha família foi sempre muito complicada. Desde cedo, eu tive pouco afeto; digo isso porque eu não tinha muito contato com minha mãe, porque quando ela não estava trabalhando, ela saía. Meu pai estava num processo de divórcio; minha mãe estava se amigando com esse atual esposo dela, que é um processo de amasiamento, né... Eles não são casados... Aí ocorreu que eu comecei a trabalhar muito cedo; com 8 anos já estava trabalhando; vendia cândida no Rio de Janeiro, aonde morava. Foi quando eu conheci as drogas... E foi um ponto de escape; essa foi a realidade que eu tinha né... foi um início. E outro início também foi que eu era muito protegido, devido às surras que meu padastro queria me dar, por um traficante; ele era muito meu amigo e acabou sendo, entre parênteses, não tão amigo, né, devido a me dar drogas. Foi aí que eu comecei...

P. : Fale um pouco mais sobre essa complicação.

R. : Falta de carinho, mal entendimento... eu sou uma pessoa muito, digo assim, não sei se é a palavra certa, é autoritária... porque eu, quando eu faço alguma coisa, eu gosto de fazer perfeito; assim, não sei se isto é errado ou certo, eu gosto de fazer perfeito e, às vezes, eu mago as pessoas por isso. Eu tenho uma grande diferença do meu padastro porque ele tem muita inveja do que eu tenho, e isso ele já expôs pra mim...

Quando meus pais se divorciaram, eu tinha um ano de idade, mas o processo durou 14 anos e, nesse meio tempo, eu convivia com os dois; inclusive, quem fez o processo de divórcio, quem deu entrada na papelada e quem pagou as custas do cartório fui eu porque eu trabalhava desde os 8 anos.

Amo minha mãe, amo mesmo, mas tem pequenas diferenças porque ela tem uma formação educacional e pessoal diferente da minha, porque ela gosta muito de falar e às vezes fala demais... E o que acontece...prejudica. Como já prejudicou também alguns negócios meus; então eu ficava irritado devido esses acontecimentos. Com meu pai, não tenho divergências, amo muito.

P. : Isso que você falou tem a ver só com a sua família?

R. : Complicação tem a ver com família em geral. Eu sou casado há dois anos e devo frisar que tive alguns problemas também; acho que sogra, sogro, cunhado, isso tudo é família. Então, eu friso também alguns problemas que eu tive com eles. Eu não considero meu padrasto como meu pai, embora minha mãe esteja com ele há muitos anos. Tenho um desajuste muito grande com ele. Eu fiquei sabendo, há duas semanas, que meu pai faleceu. Eu tinha contato com meu pai antes; viajava pra São Paulo, aonde ele morava, e ele vinha pra cá e ficava num hotel que era pago por mim. Mas não tinha atenção direta nem dele, nem da minha mãe nem do meu padrasto. Eu trabalhava, estudava, fazia muitos cursos, estava sempre viajando; então, não tinha contato e o pouco tempo que eu tinha de contato, que poderia ser um contato, ficava meio estranho devido ao ciúmes que ele têm... Ele não deixava minha mãe se aproximar de mim, inclusive ele não deixa até hoje.

Comecei a trabalhar com 8 anos. Morava com minha mãe e meu padrasto; só que não ficava muito lá. Eu morava mais na casa desse traficante. Eu comecei a usar drogas com 8 anos.

P. : O que acha que uma família deve fazer quando percebe que o adolescente está usando drogas?

R. : A primeira coisa que deve fazer é não perder o carinho. A primeira coisa que a família faz é já dar um pé na bunda do adolescente e mandar ele embora. Não sei se isso é certo, porque o álcool é droga, e é uma droga legal e mata mais do que qualquer outra droga. E ninguém

dá um pé na bunda de filho porque ele bebe, mas dá um pé na bunda de filho porque ele fuma maconha ou cheira cocaína. A família deve ter mais carinho, mais atenção, ajudar, se ajudar, que é o mais importante, no caso procurar o AA.. A família tem arma para lutar contra essa doença, porque a adição é uma doença. Eu já nasci viciado e sei disso.

P. O que fez a sua família?

R. : A minha família me deu um pé na bunda, mas eu tinha base, tinha estrutura financeira, porque eu comecei a trabalhar muito cedo. Fiz vários cursos, eu venci alguns campeonatos, porque eu sou mestre em artes marciais. Fiz curso de computação, de línguas, de técnico de contabilidade, etc.

Eu imagino que a família deve ser, ao menos, carinhosa. Se acontecesse isso comigo de ter um filho usando drogas, eu acho que seria compreensivo, até certo ponto, para ajudá-lo, para trabalhar métodos para poder tomar nossa vida mais feliz e não complicar mais. Porque é o que muita gente faz hoje em dia, complicar mais. Eu garanto que uma mãe nunca entregaria um filho à polícia por estar usando drogas, apesar de ter visto isso aqui. Seria mais fácil ela entregar o filho a uma sala de NA, que seria uma oficina, uma forma de consertá-lo e com isso transformar aquela vida que era horrível numa coisa mais agradável).

ENTREVISTA 10 - R. 4, 20 ANOS

P. : O que vem à sua cabeça quando se fala a palavra família?

R. : Um conjunto de pessoas unidas e que se importam comigo. Por exemplo, quando eu apronto alguma coisa, quem vai sofrer as consequências seria primeiro minha família: meu pai e minha mãe. Amigo, por exemplo, só é bom quando a gente tem grana; agora, pai e mãe é pau pra toda obra. Família pra mim é tudo.

P. : Isso que voce falou tem a ver com a sua família?

R. : Sim. Antes de eu usar drogas, eu tinha um relacionamento super bom mesmo com minha família, com meus pais, meus irmãos. Eu tinha um relacionamento muito bom, sempre fomos muito abertos um com o outro. Eu sou o filho mais velho. A partir do momento que comecei a usar drogas, eu fui perdendo todos os meus valores, fui perdendo tudo aos poucos; por exemplo, confiança. Não tinham mais confiança. Por exemplo, à noite meu pai ia dormir, escondia a chave do meu carro pra mim não sair de madrugada. Grana, não deixavam mais espalhada pela casa. Comecei a usar drogas com 17 anos. Antes não usava nem cigarro. Então, fui perdendo a confiança de meus pais, fui perdendo tudo o que eu tinha de bom, todos os meus valores. Fui criando muitos defeitos de caráter, né, como desonestidade. Passei a ser desonesto com as pessoas, comigo mesmo; orgulhoso, não dava o braço a torcer pra ninguém.

P. : Como era sua família antes da droga?

R. : Bom, minha família... Eu tive um pai né, que... Hoje, eu moro com um padrasto, mas ele me criou desde 6 meses de idade. Mas meu pai faleceu; eu tinha 11 anos, mais ou menos. Ele era ladrão, ele usava drogas também. Eu vivia com meu padrasto e com minha mãe. Minha mãe nunca viveu com meu pai; eu tive uma infância perturbada, né... por causa de pressões do meu pai sobre a gente. Do meu pai verdadeiro, dizendo que ia matar meu padrasto, que queria minha mãe e eu juntos

com ele, porque senão ele ia me pegar na escola e fazer picadinho de mim, entendeu. Ele usava muita droga... A realidade é que ele gostava muito, demais da gente. Ele era doente por mim e pela minha mãe. Ele foi preso, quando eu nasci. Quando saiu da cadeia, eu tinha 8 anos. Eu ia na detenção visitá-lo. Meu padrasto não gostava que a gente fosse encontrar ele. Aí, a polícia matou o meu pai quando eu tinha 11 anos, ele era pedido pelos distritos. Sou o único filho do meu pai, os outros são com meu padastro. E tenho outro irmão por parte de meu pai. Ele é todo deformado, devido ao uso de drogas por meu pai. Esse irmão deve ter uns 14 anos. Eu o vi uma vez só, e é todo deformado.

Então, quando eu nasci, minha mãe fez uma promessa; ela e minha avó, pra mim não nascer defeituoso porque minha mãe não sabia que ele usava drogas e ela veio a descobrir tudo quando ele foi preso, não sabia que ele era ladrão, não sabia nada, ele sempre manipulou... Depois, a família pressionava muito minha mãe pra passar eu pro nome dele, pra diminuir a pena dele dois anos. Aí, minha mãe não quis mais... Então, como ele queria me ver, minha mãe levava.

Meu padrasto é um pai pra mim. Ele já fez minha adoção; eu tenho o sobrenome dele e todos os direitos que meus irmãos têm. Meu relacionamento com ele sempre foi melhor que o da minha mãe, sempre me dei muito bem com ele. Eu comecei a ter atritos com ele depois da droga. Eu nunca fui aquele garoto bom na escola, né; então, minha mãe cobrava muito de mim isso; minha mãe batia muito quando era pequeno, porque eu ia mal na escola. Meu padrasto não; pelo contrário, ele dava até uma força. Mas a minha mãe não admitia que eu fosse mal na escola porque era a única coisa que eu fazia; desde o primário minha mãe sempre me agrediu, sempre me bateu, né. Mas eu tinha uma afetividade muito grande por ela, eu amo ela, eu amo. Hoje em dia, a gente se dá super bem, mas quando eu era criança, eu tive problemas, né.

Minha avó materna era alcoólatra; ela morava com a gente, mora até hoje, e ela bebia muito, porque o marido dela, meu avô, também se separou da minha avó, com minha mãe e minha tia pequenas... então ela passou a vida bebendo. Então, minha mãe foi sempre uma pessoa nervosa, porque ela tinha que sustentar a casa, fazia faculdade, trabalhava...e então, minha mãe tinha que manter a família, aluguel, luz, água, aguentar minha avó de fogo em casa, né. Eu pequeno pra sustentar, ela também não tinha mais meu pai verdadeiro que tava preso. Ela sofreu muito, passou dificuldades, então, era muito nervosa. Então, não sei, não entendo até hoje, acho que ela cobrava muito de mim.

Sempre estudei em escola particular. Minha mãe pagava porque era mais seguro, porque meu pai estava pra sair da cadeia e ela tinha medo que ele me pegasse na escola. Meu pai ficou preso até eu ter 8 anos; aí ele saiu, ficou três anos fora. Faleceu quando eu tinha 11 anos, morto pela polícia.

Estou no 2º colegial e faz três anos que não consigo passar por causa de drogas. Eu nunca repeti de ano até o 2º colegial, não fui bom aluno mas conseguia passar de ano; zoava o ano inteiro, mas chegava o fim do ano e me esforçava pra passar.

P. : O que acha que a família deve fazer quando percebe que o adolescente está usando drogas?

R. : Eu acho que uma pessoa que usa droga não usa por vergonha ou safadeza, ou porque é mau caráter. É porque tem uma pré-disposição pras drogas. Pro químico. Isso eu aprendi aqui. A gente é um adicto, que é uma pessoa vencida, vencida pelas drogas. Então, quando começa a usar drogas, os pais começam a brigar, agredir o adolescente, pensando que é safadeza, mas não é isso; é uma doença que não sei se é hereditária, mas a gente nasce já com isso, é uma pré-disposição pro químico. Então, a gente se vicia mais rápido; é mais difícil sair delas. Acho que os pais deveriam conversar, procurar ser o

mais aberto possível. E não adianta trazer a pessoa à força, porque se ela não quiser se tratar, pode dar choque, espancar. Quantas vezes eu já briguei com meus pais, de sair na porrada, e não adiantava. Aí, eu ficava com mais raiva, e usava mais droga. E não era pra deixar eles mais nervosos, é que eu ficava nervoso. Então, eu queria anestesiá-los meus sentimentos. Queria esquecer.

P. : O que fez a sua família?

R. : No começo não admitiam. Nós tivemos muitas discussões, eu falava que podia controlar e isso é um grande erro do adicto. Minha família começou a querer me ajudar. "Quando você quiser usar droga, você fala comigo que a gente sai." Mas não é assim, eu só falava com eles depois que eu tinha usado drogas. Aí, meu pai ficava muito chateado comigo; aí, foi que não aguentava mais.

Eu comprei um contrabaixo, uma vez, faz uns dois meses; eu tenho uma banda de rock, e, nesse mesmo dia, eu fui na bolsa e troquei ele por uma pedra. Recuperei ele de volta... Aí, eu vi que não tinha mais jeito. Já usei de tudo, benzina, cola. Comecei por curiosidade. Eu tinha um amigo de infância que começara a usar e eu quis experimentar. A primeira droga que experimentei foi maconha. É a que inicia mesmo esse processo todo. Já fumava cigarro. Meu primeiro contato com álcool, acho que tinha 15 anos, mas nunca fui de beber, porque tomei um porre e não gostei nada dos efeitos.

No começo, as drogas proporcionam bastante momentos felizes. E eu persisti nesse erro, até que viciéi. Até que já fazia parte de mim. No início, ela me deixava bem; por exemplo, eu estava numa festa, meio tímido, não conhecia ninguém, fumava um baseado, já ficava legal, alegre, extrovertido. Quando usava cocaína, falava pra caramba. Só Deus sabe como eu fazia pra parar de falar. Então, eu ficava mais à vontade. Adorava usar drogas e ir pra lugares movimentados, ver pessoas. No início, era assim. Depois de certo tempo de uso, eu já queria usar dro-

gas e ficar internado; eu não queria ver a cara de ninguém. É a famosa paranóia, ficava assustado, começava a achar que tem polícia perseguindo, que tem gente querendo me matar, coisas desse tipo. Comecei a ficar em depressão, queria ficar só isolado, vivia só pra droga, não queria saber de ninguém. Eu achava que estava tudo bem, que parava quando quisesse, mas era pura ilusão e fiquei dependente...

Desde pequeno, sempre fui meio nervoso, acho que usava droga porque achava que controlava meus sentimentos. Ficava muito nervoso e usava a droga pra esquecer.

Moro em Pirituba e trabalho com meu padrasto há oito anos. Estou nessa clínica pelo convênio de minha mãe, que trabalha numa multinacional.

ENTREVISTA 11 - G., 20 ANOS

P. : O que vem à sua cabeça quando falo a palavra família?

R. : Família, tanta coisa. União, amor, carinho. Amor de marido,,mulher, filho. Carinho é o que eu tenho por eles.

P. : Isso tem a ver com sua família?

R. : Alguns itens têm a ver com minha família, outros não. Fui criado só por minha mãe; meu pai é vivo ainda, só que a gente nunca chegou a morar na mesma casa. Meus pais não chegaram a casar. Eu morava com minha mãe, mas meu pai estava sempre visitando, fazendo alguma coisa pela gente. Somos em três irmãos e eu sou o do meio. Meu pai tinha pouca participação, não era como minha mãe, que trabalhava numa fábrica de tecidos, que foi quem criou a gente.

P. : E foi sempre assim?

R. : Pelo que eu posso entender hoje, porque nunca sentei pra conversar com meu pai sobre isso; antes da minha mãe ele teve outra família e depois da minha mãe teve outra e mais outra que é aquela com quem ele mora, atual. Então, eu tenho muitos irmãos por parte dele. Na infância, até os 18 anos, me dava muito bem com minha mãe; mas, quando completei a maioridade, eu me separei, passei a viajar muito.

Eu tive um problema com meu pai, aos 14 anos que me deixou chateado. Eu tinha um bem na época, um gravador; era meu sonho, eu consegui juntar algum dinheiro pra comprar esse gravador e pedi a ele a outra parte. Só que depois, eu vendi esse gravador e ele não gostou. Ele era um cara muito rígido, muito ignorante. Ele espancava, batia, pegava a cinta. Mesmo não morando junto, ele ia lá. E quando vendi o gravador ele ameaçou dar uma surra. Fiquei com medo, foi tipo uma fuga. Minha mãe não aceitou que ele me batesse e me deu a maior força quando saí de casa. Saí por causa de meu pai. Quando ele prometia, ele cumpria. Se ele dissesse "vou te dar uma surra", a gente podia esperar que ele cumpria; aquilo me revoltou.

P. : O que você acha que a família deve fazer quando o adolescente começa a usar droga?

R. : No meu pensamento, a família deve orientar, mostrar a realidade, o que pode ocasionar o uso de drogas.

P. : O que fez sua família?

R. : Minha família nunca me orientou. Comecei a usar drogas com 16 anos de idade. Trabalho numa multinacional e tenho o 2º grau completo.

ENTREVISTA 12 - R. 5, 21 ANOS

P. : O que vem à sua cabeça quando falo a palavra família?

R. : Família... vem... não sei... uma casa... Tem amor, compreensão, tem união.

P. : E isso que você falou tem a ver com sua família?

R. : Algumas coisas têm, outras não.

P. : Como é sua família?

R. : Minha família é ... Tenho um irmão, meu pai, minha mãe e ... Nunca foi muito unida; sempre teve muita discussão. É uma família meio disfuncional, né. Sou o filho mais novo. Nunca tive muita liberdade pra conversar muito com meus pais; conversar assim, como estou conversando com você, mas não "conversa"; só em raros momentos. Por causa de muita discussão que a gente teve, né, muito do próprio processo. Eles se separaram uma vez e aí voltaram; eu devia ter uns 14 anos. Sempre teve muita discussão pelo fato da personalidade do meu pai ser X, da minha mãe ser Y, a minha ser V, a do meu irmão ser H. Cada um tem um nível e ninguém entra em acordo, né. A briga era por limites, por respeito, não respeito de educação, mas respeito das pessoas como pessoas, o que elas pensam, o que elas querem fazer.

Não existia respeito dos meus pais em relação a mim e a meu irmão. Por exemplo, da forma de ser, da maneira de ser, das coisas que se gosta, do que pretende fazer, entendeu? Não pelo fato do que vai fazer, se é certo ou errado, mas pelo fato da própria opção de vida. Por exemplo, opção de carreira. Por exemplo: "Que cor você gosta? Você não pode gostar do azul, só pode gostar do vermelho, porque o vermelho é a cor que eu acho que você tem que gostar". Eles nunca foram autoritários do tipo: "Você tem que chegar em casa a 1 da manhã e tem que comer a sua comida". Mas autoritário ao nível de personalidade, de não entender, não ter compreensão. Meu pai não aceita certas coisas, mas não vai contra; de repente, até vai contra. Mas a minha mãe, não.

Ela chega ao ponto de fazer coisas pra que seja assim... manipular digamos... pra satisfazer as próprias vontades dela.

Meus pais tinham atritos entre eles, mas nunca deixavam transparecer pra gente, porque senão acabava a cumplicidade entre eles dois para com a gente, comigo e meu irmão. Na época da separação dos meus pais, o motivo foi que meu pai tinha voltado a beber. Meu pai é alcoólatra. Hoje em dia ele é aposentado; trabalhava numa multinacional. Minha mãe é dona de uma loja. Comecei a beber com 16 anos. É minha segunda internação, por livre vontade. Meu irmão bebe bastante, ele também já ficou internado. Ele não usa drogas, ele só bebe.

P. : O que acha que os pais devem fazer quando percebem que o adolescente está usando drogas?

R. : A primeira coisa, o pai tem que se informar. Existe muito preconceito, a imagem muito errada do que a pessoa é quando usa droga. Primeiro, a pessoa tem que se informar a respeito. Eu acho que o pai tem que fazer isso; não só quando o filho está usando drogas, mas desde que o filho nasce e sempre manter um relacionamento aberto, sempre tentar ser amigo do filho pra mostrar o caminho certo. A coisa não vem do momento que o filho está usando drogas.

P. : O que fez a sua família?

R. : A gente nunca teve um relacionamento aberto. Apesar do meu pai ser alcoólatra, da gente saber que ele era alcoólatra, a gente nunca conversou a respeito disso, a gente nunca trocou idéia. Acho que comecei a usar drogas pra me divertir. A droga pra mim é uma fuga. Comecei a beber para me divertir, você dá risada. Aí, você vai achando isso legal; eu ia me sentindo bem quando bebia. Aí, aparece na minha frente a maconha; experimentei, achei legal, dava risada, viajava, era engraçado. Tinha certos aspectos que ela ajudava; durante um determinado tempo ela te dá uma força. Aí, depois, já perde a graça, você quer

experimental a cocaína. Aí, chegou o momento que eu me viciiei. É difícil explicar. Qual é o gosto da goiabada?

•